



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

GIOVANA AZEVEDO PAMPANELLI LUCAS

CIBERESPAÇO E SOCIABILIDADE:
ESTUDO DE CASO DO SÍTIO “AGENDA DO SAMBA E DO CHORO”

Rio de Janeiro

2005

Giovana Azevedo Pampanelli Lucas

**CIBERESPAÇO E SOCIABILIDADE:
UM ESTUDO DE CASO DA “AGENDA DO SAMBA E DO CHORO”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Regis de Oliveira

Rio de Janeiro

2005

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ /REDE SIRIUS / CEH/A

- L 933 Lucas, Giovana Azevedo Pampanelli.
Ciberespaço e sociabilidade : um estudo de caso do sítio
“Agenda do samba e do choro” / Giovana Azevedo
Pampanelli Lucas - 2005.
120 f.
- Orientadora: Fátima Cristina Regis Martins de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Faculdade de Comunicação Social.
1. Ciberespaço – Teses. 2. Comunicação – Realidade
virtual – Teses. 3. Computadores e civilização - Teses I.
Oliveira, Fátima Cristina Regis Martins de. II. Universidade
do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação
Social. III. Título.

CDU 007

Giovana Azevedo Pampanelli Lucas

Ciberespaço e Sociabilidade:

um estudo de caso do Sítio “Agenda do Samba e do Choro”

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Fátima Regis de Oliveira (Orientadora)
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

Profa. Dra. Simone Pereira de Sá
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. João Maia
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

Rio de Janeiro

2005

Dedico este trabalho à minha família que esteve sempre ao meu lado, me apoiando com carinho e dedicação; sem ela não teria conseguido alcançar este objetivo.

Agradecimentos

Aos meus pais, Marcelo e Luiza, por serem maravilhosos e presentes, entenderem minhas decisões, meus maus dias, torcendo por mim com dedicação de uma vida inteira. Sem vocês não teria conseguido ultrapassar mais este obstáculo.

À minha tia “Dindaia”, com certeza minha segunda mãe, que sempre esteve pronta a me ouvir e me ajudar em todas as dificuldades que enfrentei. Devo esta conquista à você que foi incansável por todo o período de redação da dissertação, prestando um grande auxílio na parte estatística deste trabalho.

À minha avó Helena pelo carinho e pelos conselhos sempre oportunos. Você é o exemplo e o alicerce de nossa família, meu porto seguro.

À minha madrinha, Jacira (“Dindinha”), que mesmo de Brasília, sempre teve uma palavra de incentivo.

Ao Enrico, meu amor, companheiro maravilhoso, por me tolerar nesse período, por sua amizade em todas as horas, me auxiliando na finalização deste trabalho.

À todos os meus primos pelo carinho. Ao meu irmão, Leonardo e à minha prima, Helena, pela valiosa ajuda na tradução do inglês.

À querida orientadora Fátima Regis que acreditou em mim, tornando-se uma grande amiga, sempre disposta a escutar minhas inquietações com profissionalismo e tranquilidade.

Ao professor João Maia pela inspiração que me foi dada em suas belíssimas aulas.

À cidade do Rio de Janeiro que me presenteou com pessoas e momentos inesquecíveis.

LUCAS, Giovana Azevedo Pampanelli. *Ciberespaço e sociabilidade: um estudo de caso do Sítio “Agenda do Samba e do Choro”*. 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RESUMO

A Comunicação Mediada por Computador (CMC) inaugurou uma nova forma de sociabilidade que transpôs a interação e a constituição dos laços sociais para um novo suporte: o ciberespaço. A hipótese deste trabalho é de que as tecnologias de comunicação podem configurar novos espaços de sociabilidade, inaugurando novas práticas de estar com o outro, e, inclusive, propiciar uma aproximação local. O objetivo é investigar se o ciberespaço é uma ferramenta que pode fazer emergir laços sociais que se refletem no espaço físico, não o substituindo, mas o completando. Para isso foi realizado um estudo de caso da Tribuna (lista de discussão) do sítio: “Agenda do Samba e do Choro”. A lista de discussão foi acompanhada durante três meses – em agosto, outubro e novembro. Foram utilizados três instrumentos de pesquisa: a análise de entrevistas coletadas no dia da festa de aniversário da Agenda no Rio de Janeiro-RJ, a análise dos e-mails trocados entre os participantes da lista e, por último, a análise dos questionários enviados aos membros da Tribuna. Os resultados sugeriram que os relacionamentos constituídos na Tribuna podem extrapolar para o mundo físico e que há uma necessidade por parte dos participantes de que o convívio social seja experimentado também fisicamente. Também foi observado que os encontros físicos não deixam de acontecer quando se utiliza a Internet e muito menos que esta destrói a sociabilidade contemporânea. O resultado sugere ainda que existe a partilha de um mesmo território – seja ele concreto ou imaterial – impulsionado, no caso da Tribuna, pela troca de informação sobre samba e choro.

Palavras-chave: Ciberespaço; Sociabilidade

ABSTRACT

The Computer-Mediated Communication (CMC) inaugurated a new sociability way that transposed the interaction and the social relations formation for a new support: the cyberspace. The hypothesis of this work is communication technologies may configure new sociability spaces, inaugurating new experiences to be with someone else, and providing a local approximation. The objective is investigate if the cyberspace is a tool that may appear social relations, which reflect at physical space, not replacing it, but completing it. For that was executed a case study from site's Tribuna (discussion list) "Agenda do Samba e do Choro". The discussion list was studied for three months – August, October and November. Three research tools were used: the interviews' analysis collected during the Agenda anniversary party in Rio de Janeiro – RJ, changed e-mails analysis between the Tribuna's users and questionnaire's analysis sent to the list members. The results suggested that the relationships made in Tribuna may cross to the physical world and there is a members necessity social living to be physically experimented. As well noticed the physical meetings continue to happen when the Internet is used and the contemporary sociability is not destroyed. The result suggests that still exists experience of the same territory - concrete or immaterial – stimulated, in the Tribuna's case, by the samba and choro information exchange.

Keywords: Cyberspace; Sociability

Sumário

1- Introdução

2- Metodologia

3 - Tecnologias de Comunicação e Sociabilidade

3.1- Desenvolvimento das Novas Tecnologias Informacionais de Comunicação

3.2- Internet e seu impacto na cultura contemporânea

3.3- A Reinvenção do conceito de comunidade

4- Espaço e Sociabilidade

5- Descrição do estudo de caso – Sítio “Agenda do Samba e do Choro”

6- Análise dos resultados

6.1- Análise – Entrevistas Exploratórias

6.2- Análise – E-mails da lista de discussão “Agenda do Samba e do Choro”

6.3- Análise - Questionário

7- Conclusão

8- Referências bibliográficas

8.1- Livros

8.2- Documentos eletrônicos

9- Anexos

9.1- Entrevistas

9.2- Questionário

9.3- Fotos

1- Introdução

A partir do desenvolvimento e da disseminação das tecnologias de comunicação, o indivíduo passou a experimentar duas formas de interagir com o conhecimento e com outras pessoas: uma física, concreta e outra virtual, abstrata. As tecnologias de comunicação ampliaram e acentuaram as capacidades humanas de falar, ouvir e ver. Estas experiências aprimoradas pelo surgimento de artefatos técnicos ao longo do tempo fizeram com que o homem pudesse criar mecanismos diferentes para se comunicar cada vez mais e se sentir ainda mais “próximo” de seus semelhantes. O uso humano das tecnologias de comunicação faz com que as mídias se tornem novos ambientes sociais com a transmissão de palavras, imagens e sons se transformando em lugares de geração de sociabilidade. O acesso facilitado a estes meios fazem com que a comunicação se torne mais acessível e assim, passe a aproximar pessoas que, devido à distância geográfica, nunca poderiam se conhecer; e as que já se conhecem, têm nas mãos novos canais de comunicação, reforçando os laços já existentes no espaço físico.

Desta forma, o homem pôde desde a invenção da escrita até os dias de hoje – e em particular com a Internet - “distanciar” seu corpo da sua voz e levar sua mensagem até o destino seja por meio de carta, de telégrafo, de rádio, de telefone ou de televisão ou outros. A acentuação deste processo se deu, principalmente, a partir do advento da Internet, uma vez que esta ferramenta proporcionou, além da informação sempre disponível e descentralizada, o aumento da comunicação interpessoal por meio da disseminação de chats e de comunidades virtuais.

Por meio da Comunicação Mediada por Computador (CMC) verifica-se o início de uma nova forma de sociabilidade com a interação não presencial (a carta, o telefone

já faziam isso, mas pode-se dizer que houve uma intensificação da sociabilidade não presencial) que transpôs a interação e a constituição dos laços sociais para um novo suporte: o ciberespaço. Nota-se também que os relacionamentos iniciados no espaço imaterial das listas de discussão (*newsgroups*) e/ou *chats* podem se transportar, ocasionalmente, para o mundo físico. A rede, neste caso, serve de base para a coesão social e para a manutenção das relações sociais. A hipótese deste trabalho gira exatamente aí: as tecnologias de comunicação podem configurar novos espaços de sociabilidade, inaugurando novas práticas de estar com o outro, e, inclusive, propiciando uma aproximação local. Acredita-se, assim, que a rede possui uma “vocação” para formar comunidades, para criar e sustentar laços sociais entre seus usuários, sem destruir a sociabilidade cotidiana.

Salienta-se que a interação social advinda das CMC se deu de maneira completamente diversa da forma tradicional. Nas comunidades tradicionais é costume apresentarem-nos alguém e imediatamente conhecer esta pessoa por meio da fala, dos gestos, da conversa presencial; na comunidade virtual inverte-se este panorama: nos “apresentamos” a uma pessoa por meio de palavras digitadas na tela do computador para, mais tarde, decidir-se encontrar com esta pessoalmente.

Este trabalho pretende investigar se esta nova forma de interação social, tendo como suporte o ciberespaço, não elimina a constituição de laços sociais no espaço físico. A aposta desta pesquisa é que ela apenas a complementa, reforça e até mesmo impulsiona a formação de contatos que nunca poderiam se constituir devido à distância geográfica entre duas ou mais pessoas.

Nesta perspectiva, torna-se necessário identificar se esse novo tipo de comunidade: a “comunidade virtual” que pode ser considerada, segundo Oldenburg (*apud* RHEINGOLD, 1996, p. 42), um dos antigos lugares públicos informais, os

chamados “terceiros lugares”, onde se podem reconstruir os aspectos comunitários (quem sabe) perdidos na opinião de muitos pesquisadores.

Muitos autores¹ admitem que vivemos na era tecnológica do ciberespaço e que por isso, a instantaneidade proporcionada pela internet conduziria a cultura contemporânea a uma perda de sentido e de utilidade. Não mais se conseguiria realizar a coesão social, pois a técnica modificaria e destruiria para sempre as relações de convívio humano. Outros pesquisadores² admitem que o ciberespaço trouxe-nos uma nova forma de nos comunicar uns com os outros, isto é, estaríamos assistindo a uma multiplicação das potencialidades de fazer amizades e de trocar informações. Estas controvérsias teóricas acerca deste tema motivaram as preocupações e despertaram o interesse sobre o assunto.

Virilio (1993), afirma que a presença física perde progressivamente seu valor analítico para a apreensão da realidade, “*em benefício de outras fontes de avaliação eletrônica do espaço e do tempo que nada têm em comum com as do passado*”. A partir dessa nova relação de forças entre distância e velocidade, a era virtual marca a passagem do espaço “substancial” (contínuo e homogêneo) para o espaço “acidental” (descontínuo e heterogêneo), no qual a intercambialidade passa a preponderar sobre a localização.

Ao contrário desta afirmação de Virilio, este trabalho investigará a relação entre a Internet e a sociabilidade cotidiana, analisando de que forma ela se dá neste meio. O objetivo é investigar se o ciberespaço pode ser considerado como uma ferramenta para fazer emergir construções sociais consistentes e que se refletem no espaço físico, não a substituindo mas a completando. De acordo com Simone Pereira de Sá, é importante

¹ Ver Bauman, 2001 e Virilio, 1993.

² Ver Wellman, 2001; Pereira de Sá, 2000; Aranha Filho, 1998 e Rheingold, 1996.

perceber a Internet não como uma ferramenta “virtualizante”, que substitui a experiência do convívio cotidiano, mas sim como um meio que permite a concretização de um tipo de contato. Ao se dedicar aos estudos de um grupo de discussão sobre o Carnaval, a autora conclui que para os participantes da lista seria impensável “substituir” a experiência do Carnaval pela versão virtual, corroborando, para a perspectiva que considera a Internet “*como ferramenta de complexificação dos laços sociais, que cresce em simultâneo com outras formas de sociabilidade da vida contemporânea*”. (PEREIRA DE SÁ, 2000: p.11).

Este trabalho quer mostrar que a Internet, mesmo permitindo o acesso a vários espaços no mesmo período de tempo, não os esvaziam de significado. Além disso, não quer dizer também que não desejemos alcançá-los fisicamente. Este trabalho quer analisar se as comunidades que realizam encontros fora do ciberespaço são como uma forma de resistência ao tempo veloz deste meio. Pode-se dizer que vem dele, mas ao mesmo tempo, nega o tempo “hiper-nano” deste espaço, reafirmando laços sociais e a importância do convívio humano. O objetivo aqui é investigar se a tecnologia não é determinante a ponto de destruir nossa subjetividade e sociabilidade. Aposta-se, neste trabalho, que ela apenas muda a forma de constituição dos laços sociais. Para investigar tal fato, este trabalho identificará de que forma as novas tecnologias agem na sociabilidade.

No Capítulo III, intitulado “Tecnologias de Comunicação e Sociabilidade”, será apresentado uma revisão bibliográfica do desenvolvimento das tecnologias de comunicação até os dias atuais, apontando as conseqüências na sociabilidade à medida que cada artefato técnico de comunicação vai surgindo ao longo do tempo. Na segunda parte deste capítulo, serão relatados um breve histórico da Internet e os primeiros impactos sentidos na cultura contemporânea, com destaque para o novo tipo de

sociabilidade que surge com o advento da Internet. Na última parte deste capítulo, relaciona-se o conceito de comunidade tradicional da sociologia clássica e o que seria, atualmente, as definições de comunidade e comunidade virtual. Descreve-se, também, toda a transformação pela qual passou o conceito de comunidade, incluindo o debate – entre autores - sobre comunidades virtuais, surgidas com a emergência da Internet.

No capítulo IV: “Espaço e Sociabilidade” expôs-se as mudanças ocorridas no espaço social das cidades e as conseqüentes transformações na sociabilidade. Serão apontados também os conceitos de “espaço” e de “território”, além de relacioná-los com a interação social contemporânea. O objetivo é investigar teoricamente se o ciberespaço proporciona novas formas de organização territorial e como se caracterizam, atualmente, as relações sociais contemporâneas.

No último capítulo do trabalho concentram-se as análises referentes à Tribuna (lista de discussão) do sítio “Agenda do Samba e do Choro” que é o estudo de caso da presente dissertação. Serão analisadas as entrevistas realizadas na festa de aniversário da Agenda em novembro, no Rio de Janeiro; os e-mails da lista trocados pelos membros da lista e por fim, o questionário, aplicado aos participantes da mesma. Todos estes elementos de pesquisa serão construídos com o objetivo de se investigar as hipóteses apresentadas neste trabalho.

2- Metodologia

A metodologia deste trabalho dividiu-se em duas grandes partes. A parte teórica compreendeu uma revisão bibliográfica da relação entre as tecnologias de comunicação e a sociabilidade. Também foram estudados os conceitos de comunidade, espaço e sociabilidade que serviram de apoio para o embasamento teórico da dissertação.

A segunda parte compreendeu a pesquisa exploratória que teve como objetivo investigar a relação entre a Internet e a sociabilidade cotidiana. Nesta perspectiva, a hipótese deste trabalho foi investigada pela análise da lista de discussão do sítio “Agenda do Samba e do Choro”. O estudo de caso do trabalho analisou a lista de discussão e seus participantes identificando como o grupo estabelece seus contatos e como mantém seus relacionamentos no ciberespaço. A média de e-mails trocados entre seus integrantes é de cerca de 25 por dia. Neste ambiente, os membros reconectam a vida virtual na vida física com as festas de aniversário organizadas anualmente. Nesta parte qualitativa do trabalho foram utilizados três instrumentos de pesquisa: análise dos e-mails da lista de discussão, entrevistas exploratórias realizadas na festa de aniversário da Agenda no Rio de Janeiro e aplicação de questionários para os participantes da lista de discussão.

A lista de discussão foi acompanhada durante três meses: agosto, outubro e novembro de 2004. O mês de setembro foi excluído da análise porque neste período a lista não funcionou por problemas técnicos, retomando suas atividades somente em outubro. Neste intervalo de tempo, buscou-se entender como se dá a dinâmica dos relacionamentos virtuais neste ambiente. A metodologia utilizada para a investigação da hipótese do trabalho foi a Observação Participante. O estudo de caso busca examinar o fenômeno em seu meio natural, a partir de múltiplas fontes de evidência (indivíduos

assinantes da lista de discussão), e pelo emprego de métodos diversificados de coleta de dados (entrevistas individuais e dados tais como materiais coletados nas conversações na lista da comunidade).

Na metodologia de Observação Participante, entendido como um estudo qualitativo, o principal instrumento de pesquisa é o investigador que estabelece contato direto, freqüente e prolongado com os atores sociais e os seus contextos. Esta técnica permite uma maior aproximação e acompanhamento do objeto, dando possibilidades ao pesquisador de passar tempo suficiente ao lado das pessoas - e no caso da metodologia de observação participante, com presença física -, até que as narrativas destas venham à tona. Desta maneira, acreditou-se que esta metodologia pudesse trazer uma maior confiabilidade e validade à investigação.

Como um dos instrumentos do estudo de caso, foram aplicados questionários com os integrantes da lista. O número de respondentes foi de 54, o que equivale a 12,11% do número total de assinantes da lista. A análise de conteúdo foi feita a partir das respostas obtidas através do questionário. Este trabalho buscou compreender, por meio deste instrumento de coleta de dados, qual o papel da ferramenta Internet na articulação dos laços sociais dentro e fora do ciberespaço. No caso da aplicação dos questionários, foi realizado um pré-teste com um número de participantes em torno de 5% da amostra calculada, para validar o instrumento de pesquisa elaborado.

Para a realização do trabalho utilizou-se um e-mail pessoal *Yahoo!* restrito para fins de investigação da pesquisa. O questionário de perguntas – elaborado a partir da metodologia da Escala de Concordância de Likert - foi enviado para os entrevistados – assinantes da lista de discussão da Agenda - através deste e-mail com as perguntas acerca de sociabilidade no ciberespaço.

A Escala de Likert compreendeu uma série de afirmações relacionadas com o objeto pesquisado. Diferentemente da escala de Thurstone, os respondentes são solicitados, não só a concordarem ou discordarem das afirmações, mas também a informar qual o seu grau de concordância e discordância. A cada opção de resposta foi atribuído um número que reflete a direção da atitude do respondente em relação a cada afirmação. A pontuação total da atitude do respondente foi dada pelo somatório das pontuações obtidas para cada afirmação. A Escala de Likert reflete a direção da atitude de cada respondente na medida em que calcula a intensidade das concordâncias e discordâncias.

O conjunto de termos utilizados para atribuir os graus de concordância ou discordância foram: concordo totalmente; concordo parcialmente; nem concordo nem discordo; discordo parcialmente e discordo totalmente. A estes graus de concordância/discordância foram atribuídos números para indicar a direção da atitude do respondente. Geralmente, os números utilizados são 1 a 5, ou -2, -1, 0, 1 e 2. O conjunto de números utilizados não faz diferença em função das conclusões a que se pretende chegar. O importante é atribuir corretamente os números às respostas de afirmações positivas e negativas. A maior pontuação possível foi a multiplicação do maior número utilizado (por exemplo, 5) pelo número de assertivas favoráveis, e a menor pontuação foi a multiplicação do menor número utilizado (por exemplo, 1) pelo número de assertivas desfavoráveis. A pontuação individual pôde ser comparada com a pontuação máxima, indicando a atitude em relação ao problema apresentado.

Quadro 1: Esquema para atribuir números numa Escala de Likert. (MATTAR, 1996: p. 98)

Tipo de Afirmação	Grau de concordância/ discordância	Valor da pontuação	
		(-2 a +2)	(1 a 5)
Afirmação favorável (ou positiva)	Concorda totalmente	+2	5
	Concorda	+1	4
	Indeciso	0	3
	Discorda	-1	2
	Discorda totalmente	-2	1
Afirmação desfavorável (ou negativa)	Concorda totalmente	-2	1
	Concorda	-1	2
	Indeciso	0	3
	Discorda	1	4
	Discorda totalmente	2	5

A Escala de Likert foi escolhida para orientar os questionários porque: permite o emprego de afirmações que não estão explicitamente ligadas à atitude estudada, pode-se incluir qualquer item que se verifique, empiricamente, ser coerente com o resultado total; é de construção simples; tende a ser mais precisa, na medida que possui um número de respostas alternativas maior; a amplitude de respostas permitidas apresenta informação mais precisa da opinião do respondente em relação a cada afirmação.

3 –Tecnologias de Comunicação e Sociabilidade

3.1- Desenvolvimento das Novas Tecnologias Informacionais de Comunicação

“Houve um tempo em que a comunicação à longa distância era o som da voz humana ecoando pelos vales e a tecnologia mais avançada significava um jeito melhor de lascar a pedra. E o mundo, por mais vasto que fosse, o mundo acabava no horizonte”. (GONTIJO, 2001: p. 14)

Ao longo do tempo, os seres humanos desenvolveram a tecnologia de suas ferramentas de comunicação e ampliaram a capacidade de sobrevivência e de produção do conhecimento, e o que é principal, aprimoraram o ato de emitir, transmitir e receber mensagens. O desenvolvimento da fala foi o primeiro grande impacto no processo comunicacional, pois deu início à criação de símbolos e metáforas da realidade, dando origem à linguagem oral. *“O pensamento ao encontrar a linguagem explode em (...) novas formas simbólicas, ganhando possibilidades de se estruturar em planos de realidade distintos daqueles aos quais era restrito, isto é, o aqui e o agora”.* (PEREIRA, 2002. p. 4-5)

A fala, em seus primórdios, era muito dependente de todos os sentidos humanos, visto que se articulava por associação aos objetos que se apresentavam materialmente para um determinado grupo de pessoas. A comunicação se fazia através do gesto, da expressão facial e corporal, do tato, da visão e do olfato. Segundo Marshall McLuhan (MCLUHAN, 1964), uma das características mais marcantes das culturas orais é a idéia de que o ato comunicativo é, eminentemente, um ato imersivo – dentro de um espaço acústico – proporcionando, assim, a participação de todos os sentidos. Na oralidade, a palavra adquiriu o papel básico de gestão da memória social que se encontrava encarnada em pessoas vivas e em grupos atuantes que agiam como parceiros da

comunicação mergulhados nas mesmas circunstâncias e compartilhando a cultura local. A interação social destes grupos primitivos se dava de forma imediata e presencial num mesmo espaço e tempo. Além disso, o conhecimento era transmitido através da narrativa e do rito.

Com o início e o desenvolvimento das atividades de caça, foi necessária uma maior habilidade da capacidade de pensar, uma vez que este tipo de trabalho é bem mais complexo do que o da colheita. Isto exigiu um estágio de comunicação mais especializado, um melhor planejamento, além da formulação de mensagens de comando e de ações rápidas que fossem eficazes durante o processo de captura da presa.

Com o tempo, a dependência desta imersão neste espaço acústico – apontado por McLuhan – forçava o fechamento do grupo, afastando possibilidades de expressões singulares que pudessem aumentar e enriquecer o patrimônio cultural. Acredita-se, portanto, que estas pressões atuaram na busca por novas tecnologias que fossem mais eficazes para a realização dos processos comunicacionais. A próxima tecnologia na escala evolutiva foi, certamente, a escrita.

Estar apto a raciocinar abstratamente dependeu principalmente da linguagem, sem a qual não seria possível nomear as coisas, o que é exatamente uma abstração. Os registros das pinturas e dos artefatos da pré-história sugeriam uma organização social apesar de nenhum deles armazenarem a memória oral. Mas vale salientar, que nem por isso, deixaram de transmitir mensagens. Segundo Silvana Gontijo, apesar de muitos afirmarem que a pré-história é silenciosa, muitas pesquisas científicas começam a revelar que repetições de motivos pintados, escavados e modelados podem indicar um código.

Por definição, a história começa, aproximadamente, em 3000 a.C., com o início da escrita na Mesopotâmia, no Egito. Mas, no período que se convencionou chamar pré-história, indivíduos e

grupamentos humanos produziram utensílios, imagens e símbolos durante a última era glacial, portanto há aproximadamente 50.000 anos, que hoje revelam parte dos contextos sociais daqueles tempos. (GONTIJO, 2001: p. 22)

As pinturas rupestres desenhadas por seres humanos retratam um contexto social rico tais como ecossistemas de animais e plantas, o cosmo, lutas, sexo e rituais, entre outros. Estas formas retratadas nas paredes das cavernas tiveram também um significado que, hoje, não pode ser absolutamente interpretado devido à extinção dessa sociedade primitiva. A pesquisadora Niéde Guidon, em estudos das pinturas rupestres no nordeste do Brasil – mais exatamente na Serra da Capivara no estado do Piauí -, acredita que esta arte define-se como “*muito narrativa, lúdica, que trata de temas ligados seja à vida de todos os dias, seja a atividades rituais*”. (GONTIJO, 2001: p. 25)

Os estudos de Anne Marie Pessis sobre os desenhos encontrados no nordeste do país, destacam a capacidade humana de se atingir a memória gráfica, o que potencializou o surgimento da cultura e capacidade de abstração que o levaria a representar a si mesmo. (Cf.

<http://www.fumdam.org.br/imagensdaprehistoria/main/p01.htm>)

... À medida que o grupo evolui modifica a sua tecnologia, seu padrão de ocupação do espaço e, quando a densidade de ocupação aumenta, vemos mudar as características das manifestações gráficas, que se tornam cada vez mais formais, mais ricas, mais minuciosamente trabalhadas, dominando de maneira perfeita as técnicas de desenho e pintura. Quando os poros da Tradição Nordeste atingem seu apogeu tecnológico, suas representações gráficas apresentam as primeiras cenas de violência: execuções, lutas individuais e batalhas coletivas; as cenas sexuais, inicialmente simples e envolvendo duas ou três pessoas, se transformam também: grupos numerosos de indivíduos de ambos os sexos praticam conjuntamente atividades sexuais. As ações de caça, que representavam a caça individual de pequenos animais, passam a representar caças coletivas com

inúmeros guerreiros atacando animais perigosos como a onça. (PESSIS, apud GONTIJO, 2001: p. 25).

Como se vê, as pinturas rupestres são reflexos da sociabilidade³ e marcam o potencial comunicativo daqueles indivíduos do passado. Eternizar cenas cotidianas na parede de uma caverna foi o primeiro passo no sentido de transmitir conhecimento através de inscrições em um determinado suporte que, pela primeira vez, poderia atravessar o tempo transmitindo uma mensagem.

O crescimento dos grupamentos humanos gerou a demanda da transmissão do conhecimento acumulado de forma sistematizada para um número maior de indivíduos do que aquele que se reunia em volta de um narrador para ouvir uma história. É interessante ressaltar que a escrita surgiu não como uma tecnologia capaz de representar uma língua falada, mas com finalidade contábil, para armazenar informações coletivas que pudessem ser acessadas por muitas pessoas. Conforme Robert Logan (LOGAN, 2000), este fato não é surpreendente se for considerada a dificuldade, de modo geral, que as pessoas têm ao memorizar informações quantitativas, ao contrário daquelas verbais, estruturadas em torno de uma história com enredo e personagens.

Os primeiros símbolos visuais para estocar, manipular e disponibilizar informações foram as talhas surgidas entre o décimo oitavo e o décimo quinto milênio a.C. Esta forma de notação foi fruto direto da necessidade de numerar e de se fazer registros a partir das experiências de coleta de frutos e de caça. De acordo com os estudos de Denise Schmandt-Besserat (apud GONTIJO, 2001. p. 32), o segundo dispositivo tecnológico são as fichas toquem encontradas no período Neolítico a partir

³ Segundo Baechler (1995: p. 57 apud MARCELO, 2001: p. 39), o conceito de sociabilidade pode ser definido como a capacidade de estabelecer redes através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas fazem circular as informações que exprimem os seus interesses, gostos, paixões e opiniões. *“Os elementos componentes mais elementares da realidade social são constituídos pelas múltiplas maneiras de estar ligado pelo todo ou no todo, ou por manifestações de sociabilidade”.*

de 8.000 a.C. O desenvolvimento das fichas esteve ligado ao aparecimento das estruturas sociais, emergindo com as lideranças hierarquizadas e florescendo durante a formação do estado. Com o aumento da burocracia, foram inventados métodos de arquivamento das fichas. Sobre elas se podia fazer algumas inscrições ou marcas, que serviam a finalidades contábeis e de numeração das atividades agrícolas.

Apesar da disseminação das fichas toquem, com o tempo, elas foram se tornando obsoletas e ineficientes. Surgiram, então, outros dispositivos; os logogramas, que impressos numa placa de argila, constituiriam o protótipo universal da página escrita. Depois emergem as placas de argila que possuíam um caráter mais simbólico e, mais tarde, surgem os silabários e o alfabeto greco-romano. Este último acentuou o caráter simbólico e abstrato da escrita. Esse momento histórico foi preparado ao longo de aproximadamente três mil anos de evolução da tradição oral e da comunicação não-alfabética até a sociedade grega alcançar o que Eric Havelock (1963) chama de um novo estado de espírito, “o espírito alfabético”, que originou a transformação qualitativa da comunicação humana.

Com o alfabeto grego foi possível traduzir por sinais todos os fonemas, ou seja, todos os elementos sonoros fundamentais de sua língua. Ao permitir a reprodução integral dos sons, o alfabeto grego tornou mais ágil o processo de transformação e aprendizado das diferentes línguas, uma vez que os sinais gráficos estavam a serviço do som e da linguagem falada. “*O alfabeto é filho da razão e transformou o ato de escrever, reduzindo o número de signos para algo em torno de 30*” (GONTIJO, 2001: p. 54). Liberado do peso de uma escrita complicada, o pensamento grego, por exemplo, pôde começar a exploração da consciência humana e do universo a partir de um instrumento de comunicação de grande simplicidade – o alfabeto.

Para Havelock (1963), a escrita ao permitir conhecer todo um conjunto do saber embutido nas palavras repetidas por todo um grupo, possibilitou um distanciamento crítico deste mesmo grupo. Ainda de acordo com o autor, a dialética platônica não mais teria feito do que se fiar nesta dinâmica inerente à própria tecnologia escrita, que veio permitir que qualquer pessoa pudesse refletir sobre quaisquer idéias a partir de mensagens escritas. Observa-se que o que está escrito permanece deslocado da idéia e do contexto de quem escreveu, o autor. A escrita abre a oportunidade do leitor interpretar e tirar suas próprias conclusões daquilo que lê. Este exercício levaria, conforme Havelock, a uma outra característica subjetiva inédita e impactante ao Ocidente, a separação do conhecedor e do objeto conhecido.

A invenção da escrita e dos suportes móveis de registro dos códigos lingüísticos (...) permitiu uma expansão das relações comunicativas para além de um ambiente físico comum aos indivíduos em interação, juntamente com a possibilidade de registrar eventos antes só acondicionados pela memória e transmitidos pela linguagem fonética ou gestual. Essas formas de registro de informações, assíncronas, já permitiram a ocorrência de interações remotas. (BRETAS, 2001: p.36).

A forma de interação social mais elementar é aquela em que os indivíduos interagem uns com os outros através da partilha do mesmo contexto espaço-temporal, numa relação física e presencial. O fluxo de informação se dá de forma dialógica, ou seja, os sujeitos da relação assumem os papéis de emissor e receptor alternadamente. “*Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com o seu corpo (...)*” (PROSS, 1971 apud JUNIOR, 2001). Com o surgimento da escrita, o indivíduo conheceu mais uma forma de interação social. Além de podermos nos relacionar em encontros com presença física, podíamos também enviar, por exemplo, uma carta a um

amigo que se encontrava distante. A sociabilidade pôde se deslocar e se expandir para outros ambientes em que o autor não estivesse no mesmo lugar que o leitor. É o que Pross chama de mídia secundária: apenas o emissor utiliza prolongamentos para aumentar ou o seu tempo de emissão, ou o seu espaço de alcance, ou o seu impacto sobre o receptor, valendo-se de aparatos, objetos ou suportes materiais que transportam sua mensagem.

A partir do advento da escrita, a humanidade desenvolveu meios cada vez mais sofisticados de comunicação e testemunhou um aumento vertiginoso do volume de informações e drásticas mudanças nas suas culturas. Ao longo do tempo, as capacidades de falar, ouvir, ver e se mover inspiraram o desenvolvimento de novas tecnologias voltadas para a ampliação destas experiências. Assim, o homem pôde criar mecanismos que o fizesse ampliar a capacidade de trocar ou discutir idéias. Para tal, utilizou as tecnologias de comunicação (e as várias formas de interação social advindas delas) para que pudesse se sentir mais “próximo” de seus semelhantes.

Em meados do século XV, Johannes Gutenberg foi o precursor das modernas técnicas das artes gráficas. A prensa de Gutenberg utilizava tipos móveis metálicos nos quais eram gravadas as letras, os sinais de pontuação e os números e que, ao contrário dos tipos de madeira, podiam ser utilizados inúmeras vezes. O método de Gutenberg, produzia impressos de melhor qualidade e permitia imprimir os dois lados de uma mesma folha. Esta invenção se espalhou gradativamente pela Europa e o ideal humanista encontrou na prensa um notável instrumento de divulgação. Novas idéias resultaram em mais produção intelectual divulgada através da impressão em série dos livros e dos libretos.

A partir da invenção da prensa, a informação começou a circular com mais intensidade e facilidade. É claro que foi um processo lento, mas foi o primeiro passo

para que a informação começasse a circular livremente. A prensa e os tipos móveis introduziram o conceito da produção em massa. Na verdade, a divulgação da notícia impressa em réplicas exatas superava em muito a capacidade manual de atingir um maior número de leitores. A partir daí, os processos de transformação política e social vão se acelerando à medida que o mundo vai produzindo informação e as distribuindo para as massas.

Depois da invenção da prensa e depois das grandes navegações, o ocidente se deparou com uma nova visão de mundo. Cada viagem suscitava um volume enorme de informações sobre povos e culturas desconhecidos e de oportunidades de negócios até então inexploradas. No mercantilismo – doutrina econômica ocidental predominante no século XVII - a informação era muito importante para o desenvolvimento dos negócios e para o aumento dos lucros.

Quando a evolução tecnológica e as novas fontes de energia descobertas permitiram a industrialização do processo produtivo, o homem passou a produzir em massa. Para isso tornou-se necessário uma maior capacidade de transporte, comércio e de comunicação em massa. Segundo Gontijo (2001 p.207), a mecanização da produção acabou acelerando o conceito de tempo a partir da Revolução Industrial. À medida que as sociedades foram se tornando mais complexas, com relações comerciais mais amplas, foi se acelerando a demanda por comunicações mais velozes, vencendo longas distâncias. O ritmo dos acontecimentos produzia profundas alterações nas relações de poder entre impérios e colônias, que resultaram muitas vezes em conflitos militares. Todos esses fenômenos dependiam vitalmente de informações rápidas, seguras e confiáveis.

Em 1840, Samuel Finley B. Morse desenvolveu o telégrafo e os códigos para sua utilização. O sistema combinava pontos, traços e espaços para representar as letras do

alfabeto, números e outros símbolos. Tratava-se de um sistema binário e digital, que envolveu a análise quantitativa dos usos das letras nas palavras de língua inglesa. A tecnologia do telégrafo é um desdobramento análogo ao que as tecnologias computacionais irão realizar, aproximadamente um século depois, abrangendo em sua metalinguagem digital de zeros e uns, então, não só o alfabeto, mas diversas linguagens. A partir do advento do telégrafo, a comunicação quebrou a ligação com a necessidade de transporte, ou seja, a mensagem não mais precisou ser carregada por alguém. A mensagem agora podia circular rapidamente e integrar localidades distantes. Pode-se dizer que o mundo é convidado a se apressar. O fluxo da informação devia circular o mais rápido possível. Gradativamente, o telégrafo foi sendo adotado nos meios comercial, militar, político e jornalístico, exigindo a instalação de linhas ligando cidades, países e continentes.

Com as descobertas técnicas da modernidade, o indivíduo se depara com um universo comunicacional mais amplo, que lhe oferece inúmeras possibilidades de realização. O sujeito era convidado a circular pela cidade. Neste contexto, institui-se um outro espaço: o espaço público – aquele que pertence à todos e a ninguém, susceptível de assegurar a livre circulação dos percursos e das trajetórias individuais⁴.

Segundo Lúcia Santaella (2003: p.131) não se pode cair na armadilha de pensar que a passagem da cultura impressa para a cultura digital tenha se dado como um golpe. Ao contrário, essa passagem foi devidamente pavimentada pela cultura da imagem e do audiovisual a qual teve sua origem na invenção de meios e dispositivos técnicos que surgiram com a revolução industrial e, depois, com a revolução eletrônica. Um dos grandes inventos da “era do audiovisual” foi certamente a fotografia. Com ela, qualquer um poderia produzir imagens e fazer reproduções idênticas das mesmas. Isto trouxe um

⁴ Este assunto será mais aprofundado no capítulo 4: “Espaço e Sociabilidade”.

impacto semelhante ao do tipo móvel para os criadores da literatura. A introdução da foto modificou a visão das massas, agora se podia visualizar imagens do mundo, de paisagens e lugares nunca antes vistos fisicamente. Centrada em uma imagem virtual produzida por uma superfície especular exposta à ordem perspectivista da geometria ótica da câmera, a fotografia era descrita com dificuldade por muitos de seus inventores dada sua ambivalência entre aquele que vê e algo que é visto, entre representar e ser representado, fixidez e evanescência, natureza e cultura. Estes termos ambivalentes inauguraram a necessidade de uma reconfiguração, uma necessidade que a cultura digital levou a conseqüências mais drásticas.

Já a televisão, de acordo com Raymond Williams (apud SANTAELLA, 2003: p. 132), se tornou um mecanismo de integração social através do controle social e funções comunicativas que propicia. Sua necessidade foi criada por uma economia industrial que desenraizou grande parte da população, separou o trabalho da casa e isolou uma pessoa da outra em modos privatizados de viver, tais como nas moradias dos subúrbios. A televisão oferece experiências culturalmente unificadoras – sem esquecer que a imprensa já fazia isso na virada do século XVIII para o XIX - e pode sempre encorajar as relações com programas que substituem em alguns aspectos a interação humana. Assim, o fascínio da televisão tem raízes profundas na necessidade de contato humano, manutenção da identidade e o sentido de pertencer a uma cultura compartilhada. Além disso, ser espectador/ouvinte da mídia absolutamente não se constitui uma atividade exclusiva. Em geral é combinada com o desempenho de tarefas domésticas, refeições familiares e interação social.

Segundo Santaella (2003, p.133), as redes eletrônicas baseadas no computador, nas quais a televisão está para ser integrada, servem a necessidades ainda mais complexas da economia informacional pós-industrial e da sociopolítica pós-nacional.

Essa economia está dando ocasião à reestruturação da força de trabalho que desloca algumas pessoas enquanto aproximam eletronicamente outras, mesmo que estejam separadas no espaço físico. Ainda de acordo com a autora, as infovias podem ligar a casa ao trabalho e ao comércio, mas elas não superam o isolamento da privatização móvel.

De acordo com Howard Rheingold:

Como Marshall McLuhan fez notar, o telégrafo, o telefone, a rádio e a televisão reduziram o contínuo espaço-temporal ao aqui e agora; a posse de uma moeda e o acesso a uma cabine telefônica põem ao dispor do cidadão comum poderes para manipular o espaço-tempo nunca sonhados pelos potentados da antiguidade. (1993: p. 185)

Os meios de comunicação, tais como os citados por Rheingold, relativizaram a distância física entre emissor e receptor. A evolução das tecnologias comunicacionais impõe um aprimoramento da capacidade de produzir, acumular e de, principalmente, partilhar informações, especialmente após a entrada das mídias eletrônicas em cena, que como já foi dito anteriormente, provocou uma perturbação ainda maior nas referências espaço temporais, subjetivas e culturais.

O advento dos computadores pessoais e da Internet inaugurou um tempo que em nada se compara à temporalidade das mídias tradicionais. Com a Internet, a ocorrência dos eventos no tempo não corresponde à materialidade das coisas no espaço. Além disso, podemos atingir vários espaços no mesmo período de tempo. A Internet trouxe com ela a interação assíncronica, ou seja, um indivíduo que não esteja on-line pode ler suas mensagens e responder seus interlocutores em um tempo diferente, como é o caso dos *newsgroups*. A experiência prescinde do espaço-tempo natural – podemos tocar, ver, ouvir e cheirar à distância; o corpo encontra-se ampliado em suas funções e não

mais restrito aos seus limites “naturais” de existência e de ação. Na sociabilidade da Internet percebe-se o desencaixe entre a localização e o pertencimento, onde este é sempre um pertencimento à distância, já que a territorialidade das comunidades virtuais é puramente simbólica.

3.2 - A Internet e seu impacto na cultura contemporânea

O próximo acontecimento que causou impacto considerável na cultura contemporânea foi a revolução cibernética produzida pelos computadores pessoais e o surgimento da linguagem digital. Do sistema analógico para o digital passamos a experimentar duas formas diferentes de interagir com o conhecimento e com as pessoas: uma física e outra abstrata com resultados igualmente concretos. Como afirma Gontijo (2001: p. 244), mais do que uma mudança tecnológica, estamos assistindo profundas transformações no jeito de escrever e ler, de falar e de ouvir, de produzir e receber informação e, em última análise, de pensar. Sem falar no modo como nos relacionamos com o outro, isto é, da nossa sociabilidade.

O verdadeiro cerne da revolução da tecnologia da informação no século XX foi o transistor, inventado em 1947, possibilitou o processamento de impulsos elétricos em velocidade rápida e em modo binário de interrupção e amplificação, permitindo a codificação da lógica e da comunicação com e entre as máquinas. O primeiro passo para a difusão do transistor foi dado em 1951 com a invenção do transistor de junção por Shockley e pela invenção, em 1959, do processo plano que possibilitou a integração de componentes miniaturizados com precisão de fabricação.

O avanço gigantesco da difusão da microeletrônica em todas as máquinas ocorreu em 1971, quando o engenheiro da Intel Ted Hoff, inventou o microprocessador,

que é um computador em um único chip. A capacidade de processar informações pôde ser instalada em todos os lugares. Devido a esta tecnologia, nos últimos vinte anos, o nível de integração tem progredido em ritmo bastante rápido.

O e-mail, apresentado por Ray Tomlinson em 1972, foi de extrema importância para o desenvolvimento, mais adiante, da sociabilidade na Internet. O programa permitia o envio de mensagens individuais, de pessoa para pessoa, multiplicando caminhos e abrindo conexões antes inexistentes. As vantagens desta ferramenta são o seu caráter instantâneo e assíncrono e a sua capacidade de enviar a mesma mensagem para várias pessoas (permitindo o *mailing list* – mecanismo todos/todos). Além disso, o e-mail possibilitou a criação de uma comunidade de interesses (proximidade espacial e social não mais determinantes para reunir pessoas). *“Graças ao e-mail, a rede passa a ser vista como um meio de comunicação. Torna-se dinâmica, mutável, capaz de aproximar pessoas, permitindo a livre expressão e a troca de idéias”*. (PIZZI; VAZ, 2003: p. 03). O e-mail logo se tornou a ferramenta mais popular da Internet. É a base da troca de informação dos grupos sociais no ciberespaço, tornando possível a interação entre os sujeitos.

Nos últimos vinte anos do século XX, o aumento da capacidade dos chips resultou em um aumento da capacidade dos microprocessadores. No início dos anos 90, computadores de um só chip tinham a capacidade de processamento de um computador IBM de cinco anos antes. Além deste fato, desde a década de 80, os microcomputadores não podem ser concebidos isoladamente: eles atuam em rede, com mobilidade cada vez maior, com base em computadores portáteis.

Essa versatilidade extraordinária e a possibilidade de aumentar a memória e os recursos de processamento, ao compartilhar a capacidade computacional de uma rede eletrônica, mudaram decisivamente a era dos computadores nos anos 90, ao

transformar o processamento e armazenamento de dados centralizados em um sistema compartilhado e interativo de computadores em rede. Não foi apenas todo o sistema de tecnologia que mudou, mas também suas interações sociais e organizacionais. (CASTELLS, 1999: p.80)

O desenvolvimento de redes só se tornou possível devido aos importantes avanços na área de telecomunicações e das tecnologias de integração de computadores em rede, ocorridos nos anos 70 nos EUA. Os avanços da tecnologia em circuitos integrados possibilitaram a criação do computador digital, que significou um aumento da velocidade, da potência e da flexibilidade em relação às máquinas analógicas. Também ocorreram avanços em optoeletrônica – transmissão por fibra ótica e laser - e em tecnologia de transmissão por pacotes digitais, proporcionando um aumento surpreendente da capacidade das linhas de transmissão. A capacidade de transmissão com base em optoeletrônica, combinada com arquiteturas avançadas de computação e roteamento, como ATM (modo de transmissão assíncrono) e TCP/IP (protocolo de controle de transmissão/protocolo de interconexão), são a base da Internet.

Segundo Machado (2002: p. 3), ainda que a Internet tenha suas origens em um programa de pesquisa militar (ARPA: Advanced Research Projects Agency do Departamento de Defesa Norte Americano), na realidade, nunca houve uma aplicação militar dela. Mesmo que o financiamento tenha sido proveniente do Ministério da Defesa dos EUA, foram os cientistas que a utilizaram para realizar suas investigações e criar redes tecnológicas e, após a invenção da *world wide web* pelos europeus, a rede passou de fato a ser global. Nos anos que se seguiram, a rede passou por uma série de inovações provenientes de pesquisadores e grupos de usuários do mundo todo. A consequência disso foi a criação de programas por usuários e para usuários, com finalidades diversas, múltiplas interfaces para diferentes usos que demandavam e

estimulavam o surgimento sucessivo de novos aplicativos necessários para a interação de programa e mídias. O que se observou desde então foi uma dinâmica de constante criação formada por uma imensa rede de programadores, muitas vezes anônimos, que contribuíram para o aperfeiçoamento e para a criação de novos aplicativos de forma gratuita.

Ainda de acordo com Machado (2002), a Internet, desde seus primórdios, é resultado de um trabalho de comunidade, reunindo pesquisadores, usuários e desenvolvedores. A evolução da rede, assim como a expansão de sua infra-estrutura esteve, desde o princípio, profundamente ligada a uma lógica de trabalho de comunidade de usuários para suprir as necessidades básicas e incorporar as inovações que iam surgindo. Para tal, a comunidade fazia uso de diferentes meios: o correio eletrônico, o compartilhamento de arquivos e o acesso à web. A Internet cresceu tendo como base cerca de duas décadas de trabalho de comunidades sobre uma estrutura aberta e acessível, utilizando servidores e programas, em sua maioria, gratuitos.

(...) Os indivíduos que desenvolveram os sistemas de CMC queriam ter um grande número de pessoas com quem comunicar; o valor acrescentado que buscavam não era o valor da cobrança do acesso à comunidade, mas sim o valor intelectual acrescentado dos bens coletivos passíveis de serem criados por uma comunidade. (RHEINGOLD, 1993: p. 131).

De acordo com Rheingold (1993: p. 116), o conteúdo da ARPANET começou a crescer rapidamente em duas direções distintas desde o seu início: recursos de informação e de comunicação interpessoal.

Todos os dias ficam online cada vez mais equipamentos e recursos de informação sob a forma de nós locais da rede, acrescentando-lhe uma porção de recursos passíveis de serem partilhados por toda a comunidade, e cada vez mais pessoas

começam, a comunicar entre si de novas maneiras.
(RHEINGOLD, 1993: p. 116)

A internet mais do que causar profundas transformações no jeito de escrever e ler, de falar e de ouvir, de produzir e receber informação; alterou e criou novas formas de sociabilidade. É neste espaço de sociabilidade que diferentes pessoas impulsionadas por interesses diversos se fundem numa mesma unidade onde estes interesses se realizam. O que une estas pessoas é a busca de uma relação de caráter lúdico diante da variedade de temas e assuntos abordados.

E é essa uma das vertentes da Internet: uma nova oportunidade para se realizar a comunicação interpessoal. Ou seja, pessoas que buscam na rede um local de comunhão, de formação de laços sociais. Através dos chats, listas de discussão e comunidades virtuais, constrói-se por meio dos diálogos, um “*lugar cognitivo e social e não um lugar geográfico*” (RHEINGOLD, 1993: p. 83), já que estamos falando de um território que é puramente simbólico.

Com a popularização da Internet temos a oportunidade de estender as nossas opções de comunidade à escala global, o que permitirá relacionamentos com indivíduos localizados em espaços geográfico-temporais distintos. A rede mudou a forma como as pessoas se conectam umas às outras, agora também podemos nos relacionar em outro independente da distância geográfica. O cyberspaço⁵ opera, assim, modificações profundas no nosso cotidiano que se traduzem em novas formas de interação, novas formas de sociabilidade.

⁵ O termo cyberspaço foi utilizado pela primeira vez pelo escritor de ficção científica Willian Gibson no seu livro Neuromancer (1984). O cyberspaço é um espaço não-material e não configurado geograficamente, composto por redes de computadores, telecomunicações, programas, interfaces e banco de dados onde a experiência humana passa a existir sob a forma de bits. O cyberspaço seria uma projeção da realidade, que só existe virtualmente dentro de tais redes, onde os signos da experiência humana se convertem em pixels (contração de picture element) na tela do computador.

As listas de discussão ao lado dos *chats* constituem-se como ferramentas para novas formas de convívio social propiciado pelo ambiente da Internet. Apoiada numa das ferramentas mais simples e populares da rede – o correio eletrônico – uma lista dá base para a troca de mensagens assíncronas entre participantes separados geograficamente, mas organizados por interesse comuns que, assim, formam uma “comunidade virtual”.

Rheingold explica que a existência de comunidades unidas por computador foi prevista há vinte e cinco anos por J.C. R. Licklider e Robert Taylor, diretores de investigação de um organismo federal ligados a projetos de investigação avançada, a ARPA. Foram eles os impulsionadores das investigações que resultaram na criação da ARPANET, a primeira comunidade desse tipo:

Na maioria dos casos serão constituídas por membros geograficamente separados, por vezes agrupados em pequenos aglomerados, outras vezes trabalhando individualmente. Serão comunidades assentes no interesse comum, e não na partilha de um espaço comum (...). (RHEINGOLD, 1996: p. 41)

Com o advento da Internet, os indivíduos passam a integrar uma comunidade única, na qual as noções de espaço e de tempo ganham uma nova dimensão, ao dissipar-se. Para algumas pessoas, utilizar os serviços que a Internet oferece tornou-se quase tão simples como utilizar um telefone. Os ambientes de CMC passam a ser concebidos como espaços onde emergem comunidades virtuais onde pessoas “reais” estabelecem relações concretas e encontram nos dispositivos tecnológicos atuais uma nova possibilidade de comunicação, de interação social. Há na Internet uma “*uma espécie de vocação das redes para formar comunidade, para criar laços sociais entre seus usuários*” (FILHO, 1998, p.04).

A Internet é no entender de Holtzman (1997: 31 apud MARCELO, 2001: p. 84), “*uma janela para o espaço social*”⁶. A troca de informação é um elemento importante na análise dos grupos sociais que se formam na rede já que a troca de informação torna possível a interação entre os sujeitos. Esta relação de troca traduz-se em uma ligação estreita entre indivíduos e grupos que se comprometem, reciprocamente, à troca destas informações.

(...) os indivíduos que habitam o “ciberespaço” são “(...) nós de relações (...)” e só se realizam através de uma qualquer ligação. Sendo assim, a proximidade, nesta forma de interação, manifesta-se em função do número e da intensidade das relações que os indivíduos estabelecem uns com os outros. Quanto mais ligações estabelecem, mais informações serão transmitidas, logo, mais próximos estarão uns com os outros, o mesmo se passando na razão inversa. (FLUSSER, 1998: p. 25 apud MARCELO, 2001: p. 86).

A idéia de “comunidade virtual” não é um consenso. Pesquisas acadêmicas citadas por Castells em seu livro “Sociedade em Rede” (1999: p. 443) parecem indicar que, em certas condições, o uso da Internet aumenta as chances da solidão, sensações de alienação ou mesmo depressão. Uma equipe de pesquisadores em psicologia da *Carnegie Mellon University* examinou a repercussão social e psicológica da Internet sobre o envolvimento social e o bem-estar psicológico, avaliando o comportamento e as posturas durante os dois primeiros anos on-line, em 1995 e 1996. Nessa amostra, o uso mais intenso da Internet foi associado ao declínio da comunicação dos participantes com os membros da família no lar, um declínio no tamanho de seu círculo social e aumento da depressão e da solidão.

Quanto ao impacto da comunicação via Internet sobre a intimidade física e a sociabilidade, Barry Wellman (1999) acha que os temores de empobrecimento da vida

⁶ No original “*a window into social space*” (tradução minha).

social estão fora de contexto. O autor indica o fato de que não há equação de resultado zero e que, de fato, em algumas das redes que estudaram, o uso mais intenso da Internet leva a mais vínculos sociais, inclusive físicos. Isto compara a sociabilidade na Internet com a idéia mítica de uma sociedade unida por laços comunitários. A Internet favorece a expansão e a intensidade dessas centenas de laços fracos que geram uma camada fundamental de interação social para as pessoas que vivem num mundo tecnologicamente desenvolvido.

Ainda segundo Wellman, assim como nas redes físicas pessoais, a maioria dos vínculos advindos da Internet são especializados e diversificados, na medida em que as pessoas vão criando seus próprios “portfólios pessoais”. Os usuários da Internet ingressam em redes ou grupos on-line com base em interesses comuns, e valores, e já que têm interesses multidimensionais, também os terão suas afiliações *on-line*. Não obstante, com o passar do tempo, muitas redes que começam como instrumentais e especializadas acabam oferecendo apoio pessoal, material e afetivo. Desta forma, parece que a Internet é tanto especializada/ funcional quanto ampla/ solidária, conforme a interação nas redes amplia seu âmbito de comunicação com o passar do tempo.

Para Simone Pereira de Sá, no que diz respeito às dinâmicas identitárias, os estudos sobre as comunidades virtuais têm enfatizado o surgimento de uma nova forma de identidade global, desterritorializada, que se articula sobre afinidades, interesses específicos e “imagens desencarnadas” ao invés dos critérios aleatórios de pertencimento a uma comunidade concreta. “(...) *Estaríamos assistindo a uma multiplicação das potencialidades de fazer amizades*” livres do constrangimento social do cotidiano, por demais aferrado às regras sociais de aparência, status, proximidade geográfica, etc.” (PEREIRA DE SÁ, 2000: p. 05). Isto quer dizer que quando uma

pessoa se encontra conversando com outra pela rede, suas características físicas não são mostradas e, por isso, são livres de possíveis preconceitos sociais.

Segundo Bretas (2001), a tecnologia informática que envolve as redes eletrônicas de conversação tem, além da possibilidade de transmissão assíncrona, a capacidade de proporcionar interações síncronas, em que os indivíduos que se relacionam podem estar fisicamente localizados em diferentes partes do planeta. Isto pode significar a ocorrência de uma expansão das relações que ultrapassam a dimensão local, mas também pode proporcionar maior aproximação entre indivíduos do mesmo lugar.

Como se pode perceber, muitas são as concordâncias e discordâncias a respeito dos benefícios e malefícios da sociabilidade na Internet. Os argumentos parecem estar situados em duas correntes: uma delas admite que o uso da Internet acarreta um declínio da comunicação, dos círculos sociais e um aumento da solidão. Os relacionamentos sociais ficariam restritos apenas ao virtual, e muitas vezes podendo prejudicar as relações fora do ambiente on-line. Já a outra vertente, concebe o ciberespaço como uma ágora virtual, onde o que está em jogo é a interação, a negociação entre atores sociais e instituições. A Internet seria considerada como um lugar público de encontro entre todo e qualquer usuário, onde seria possível a formação de laços de uma sociabilidade específica, o que se tem denominado comunidades virtuais: *“pessoas que se conhecem e se relacionam na e pela rede, submetidas às suas regras, suas possibilidades e restrições”*. (FILHO, 1998: p. 4-5)

3.3- A Reinvenção do conceito de comunidade

Apesar dos malefícios e benefícios apontados acima, sabe-se que a sociabilidade no ciberespaço se dá, principalmente, dentro das comunidades virtuais. O conceito de comunidade, no entanto, envolve múltiplos sentidos e críticas de autores quanto ao seu uso em pesquisas. Por se tratar de uma discussão ampla, pretende-se, neste capítulo, situar conceitos clássicos de comunidade e sociedade e depois, incluir o debate sobre comunidades virtuais que surgiram com a emergência da mídia eletrônica – a Internet.

Segundo Raquel da Cunha Recuero (2001: p. 01), as novas tecnologias de comunicação têm agido de modo a reconfigurar os espaços como os conhecemos, bem como a estrutura da sociedade. Com isso, alguns conceitos da sociologia, como o de comunidade, foram transpostos para os novos fenômenos, recebendo críticas por isso.

A primeira apresentação sociológica do conceito de comunidade foi realizada por Ferdinand Tönnies que procurava conceituar a comunidade em oposição à sociedade. Ele fazia a distinção entre os dois conceitos a partir do método galilaico – fundado em duas invenções da cultura grega, a teoria das idéias de Platão e a geometria de Euclides – que consistia em escolher somente um caso e livrá-lo das impurezas do mundo observável. Tönnies procurou criar um conceito de comunidade “pura”, idealizada, oposta ao conceito de sociedade, criado pela vida moderna. De acordo com Tönnies, *Gemeinschaft* (comunidade) representava o passado, a aldeia, a família, o calor; possuía motivação afetiva, era orgânica, lidava com relações locais e com interação. As normas e controle davam-se através da união, do hábito, do costume e da religião. Seu círculo abrangia família, aldeia e a cidade.

Já *Gesellschaft* (sociedade), era a frieza, o egoísmo, fruto da calculista modernidade. Sua motivação era objetiva, mecânica, observava relações supralocais e

complexas. As normas e o controle davam-se através de convenção, lei e opinião pública. Seu círculo abrangia metrópole, nação, estado e mundo. Para Tönnies, a comunidade seria o estado ideal dos grupos humanos e, por outro lado, a sociedade seria a corrupção.

... Gemeinschaft entre pessoas é mais forte e mais ativa; é a forma durável e genuína de se viver junto. Em contraste com a Gemeinschaft, Gesellschaft é transitória e superficial. Conseqüentemente, Gemeinschaft deveria ser entendida como um organismo vivo, Gesellschaft como uma agregação mecânica e artificial⁷. (TÖNNIES, 1957: p. 35)

Ainda de acordo com Tönnies, a comunidade e a sociedade seriam formas de associação que não se encontrariam isoladas na natureza: todo tipo de organização social teria aspectos de ambas as formas. A mudança social, de acordo com o autor, seria fruto de dois princípios aparentemente conflitantes: “o aristotélico de que o homem é um ser social e o hobbesiano, no qual o homem é de natureza anti-social”. (TÖNNIES, 1973 apud RECUERO, 2001: p. 02)

Emile Durkheim critica Tönnies afirmando que a *Gesellschaft* também teria um caráter orgânico, ou seja, natural. Segundo Durkheim, a sociedade não teria um caráter menos natural do que a comunidade, pois existiriam pequenas semelhanças de atitude nas pequenas aldeias e nas grandes cidades. Além disso, ele afirma que nem *Gemeinschaft* nem *Gesellschaft* possuem características que podem ser encontradas unicamente em um agrupamento social. Durkheim acredita, como Tönnies, na natureza

⁷ No original “... *Gemeinschaft among people is stronger there and more alive; it is the lasting and genuine form of living together. In contrast to Gemeinschaft, Gesellschaft is transitory and superficial. Accordingly, Gemeinschaft should be understood as a living organism, Gesellschaft as a mechanical aggregate and artifact*”. (tradução minha)

da dicotomia entre *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*. Durkheim admite também que a comunidade desenvolve-se primeiro e que a sociedade é o seu derivado.

O conceito de comunidade para Max Weber (2002) baseia-se na orientação da ação social – conduta humana dotada de um significado subjetivo por quem executa. Para ele, a comunidade funda-se em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional. Em Weber, comunidade e sociedade não são mais necessariamente alternativas de integração do indivíduo nas estruturas sociais, nem tampouco conceitos que se excluem mutuamente, ou ainda, que se opõe frontalmente. Para Weber, como para Durkheim, a maior parte das relações sociais tem o caráter de comunidade e em parte de sociedade. Em qualquer comunidade seria possível encontrar as situações de conflitos e opressão, que de acordo com Tönnies não fariam parte da idéia de comunidade. Para Weber, a comunidade só existiria propriamente, quando sobre uma base de um sentimento de situação comum e de suas conseqüências, está também situada a ação recíproca e que essa referência traduz o sentimento de formar um todo.

... ao conteúdo comunitário de uma relação social, fundado num sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) de pertencimento mútuo que se dá entre as partes envolvidas e com base no qual a ação está reciprocamente referida. Pode ocorrer entre os membros de uma família, estamento, grupo religioso, escola ou entre amantes. Já a relação associativa apóia-se num acordo de interesses motivado racionalmente (seja com base em fins ou valores) como o que se dá entre os participantes de um contrato, de um sindicato, do mercado livre e de associações. Podemos encontrar na maioria das relações sociais elementos comunitários e societários. (QUINTANEIRO, 1996: p. 111)

O conceito de comunidade emocional de Max Weber pode ser aplicado para explicar a formação de grupos que aparecem no ciberespaço na contemporaneidade. As características dessa comunidade emocional são o aspecto efêmero, a ausência de uma

organização, a inscrição local – entenda-se local aqui como um espaço de proximidade, de significado, seja ele real ou virtual – e a estrutura cotidiana.

Como foi observado, desde meados do século XIX, época da emergência da sociedade moderna, urbana e industrial, o tema da comunidade constitui uma espécie de resgate àquela vida de caráter comunal onde o grupo possuía total coesão e concordância entre seus membros, segundo os sociólogos da época. Na reflexão sociológica dessa fase, vários autores – tais como os citados acima - analisavam a comunidade sob uma tipologia social marcada em geral por pequenos grupos, que estabeleciam relações solidárias, coesas, pessoais, espontâneas, cotidianas e permanentes que se figurariam certas identidades comuns propícias à prática da vida comum e do associativismo.

A idéia de comunidade como “redentora” e “tipo ideal” de convivência humana está presente em muitas das visões da sociologia clássica, bem como a divisão entre comunidade e sociedade. A concepção de comunidade moderna começou a se distinguir de seu conceito antigo. A evolução do conceito de comunidade foi identificada em diversos aspectos, como a coesão social, a base territorial, o conflito e a colaboração para um fim comum, e não mais a idéia de uma relação familiar, como na *Gemeinschaft* de Tönnies.

Palacios (1998 apud Recuero, 2001: p. 03) cita os elementos que caracterizam este novo conceito de comunidade: o sentimento de pertencimento, a territorialidade, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, caráter corporativo e emergência de um projeto comum e a existência de formas próprias de comunidade. O território é a base onde se estabelecem as relações sociais.

Como se pode verificar, o termo comunidade evoluiu de um sentido ideal de família, comunidade rural, passando a integrar um maior conjunto de grupos humanos

com o passar do tempo. No período moderno com a crescente urbanização, as comunidades rurais passaram a desaparecer, dando origem às grandes cidades. E, por isso, o conceito clássico de comunidade começa a desaparecer também na prática. Mas isso não quer dizer que tenham “morrido” de uma vez por todas. Sempre foi possível encontrar nas cidades - onde a organização social predominante é a “sociedade” – nos pequenos bairros, comunidades que possuem as mesmas características citadas acima.

Ray Oldenburg (1997, p. 16) – citado por Howard Rheingold (1996, p.42) e Robin B. Hamman (1999, p. 09) – propôs em *“The Great Good Place”* que existem três lugares essenciais na vida: onde vivemos, onde trabalhamos e onde nos reunimos para conviver. Ou seja, o lar, o trabalho e os “terceiros lugares”. Oldenburg defende que as conversas informais no café, no salão de beleza e na praça pública são lugares onde as comunidades se consomem e se mantêm. À medida que o modo de vida suburbano baseado no automóvel, no hipermercado e na comida rápida foi eliminando muitos dos “terceiros lugares” das cidades tradicionais em todo mundo, o tecido social das comunidades aí existentes começou a desagregar-se.

O trabalho de Oldenburg revelou que a maior parte das cidades da América e do Ocidente realmente apresentavam um declínio desses “terceiros lugares”. O autor acredita que esse desaparecimento ocorreria por diversas razões, entre elas, a construção padronizada, típica da modernidade, constituiria subúrbios e hostilizava o espaço com suas estruturas. Rheingold (1996), em seu livro *“Comunidade Virtual”*, também destaca esta ausência do sentimento de comunidade como uma das causas para o surgimento das comunidades virtuais: *“...Talvez o ciberespaço seja um dos lugares públicos informais onde passamos a reconstruir os aspectos comunitários perdidos quando a mercearia da esquina se transforma em hipermercado”*. (RHEINGOLD, 1996: p. 43).

As práticas comunicativas ligadas às novas tecnologias de comunicação deram uma nova dinâmica ao ressurgimento dos ideais comunitários. Hoje, acredita-se que as comunidades virtuais têm um papel fundamental na integração da sociedade contemporânea. As pessoas resgatam nestas comunidades virtuais sentimentos que se perderam diante da complexidade social na qual estão inseridas.

Muitos autores têm destacado a importância dos meios de comunicação, que inseridos no meio social, modificam o espaço, o tempo e as relações entre as várias partes da sociedade, transformando também a idéia de comunidade. Muitos teóricos, como Rheingold, denominam as comunidades surgidas a partir do ciberespaço como “Comunidades Virtuais” que, segundo ele, são:

“agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”. (RHEINGOLD, 1996: p.18).

Desta forma, Rheingold caracteriza a emergência de um tipo de comunidade, na qual a troca de informações entre os sujeitos é mediada pelos dispositivos informáticos, criando-se um novo sentido do conceito de comunidade. Segundo o autor, podemos identificar nas comunidades virtuais algumas características das comunidades tradicionais ainda que a interação não seja mediada por artefatos técnicos e não seja, portanto, possível estabelecer - em um primeiro momento - uma relação face a face.

Rheingold deixa de lado uma das bases essenciais do conceito de comunidade: um agrupamento humano dentro de uma determinada base territorial. Este é o problema-chave para a aplicação da definição de comunidade ao ciberespaço, a ausência do território. A comunidade e a interação social sem um *locus* específico, segundo a sociologia clássica, não poderia se estabelecer. Entende-se aqui por “território” –

segundo Goffman (1985) – seu caráter mutante (“O território do eu”). O território é construído com a experiência de indivíduos que entram em relação com “outros”. Este “território” – da contemporaneidade - não é concreto, mas tem significado e é constituído por laços sociais. Neste lugar, o indivíduo se inscreve territorialmente de acordo com sua fala, com o seu modo de se colocar.

Nesta perspectiva, Rheingold (1996: p.85) explica que no caso das comunidades tradicionais os indivíduos possuem um modelo mental do sentido de lugar intensamente partilhado – a sala, aldeia ou cidade onde ocorrem as suas interações. Tratando-se de comunidades virtuais, “*o sentido de lugar requer um ato individual de imaginação*”. Ou seja, o território não é concreto e, mesmo assim, é vivido de maneira intensa pois é “inventado” mentalmente por cada participante. Além disso, cada indivíduo, segundo Rheingold, observa as respectivas comunidades através de lentes diferentes:

Os participantes da conferência Parental estão enredados numa interação social diferente da dos participantes dos especialistas da Well e que um estudante universitário que se entrega aos jogos online de faz-de-conta conhecidos por ‘masmorras multiutilizador’ (os já referidos MUD) vive numa sociedade virtual diferente da de um participante de uma lista de correio eletrônico erudita. A perspectiva, em conjunto com a identidade, é uma das grandes variáveis do ciberespaço.(RHEINGOLD, 1996: p. 85)

Anthony Giddens ao se referir ao processo social moderno cita o termo “desencaixe dos sistemas sociais”. Por “desencaixe”, o autor refere-se ao “*deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e da sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço*” (GIDDENS, 1991: p. 29). Elemento fundamental da formação de uma comunidade, o sentimento de pertença, desencaixa-se da localização e reforça a idéia de que as pessoas podem ter todo o tipo de experiência comunitária, independentemente de viverem próximas umas das outras. O que não

implica na substituição de um tipo de relação (de proximidade), por outro (à distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, sendo o sentido de ligação comum às duas.

Por outro lado, Bauman, citando as teorias de Robert Redfield (1971, p. 04), afirma que a verdadeira comunidade é pequena (a ponto de estar à vista de todos os membros) e auto-suficiente (de modo que possa oferecer todas as atividades e atender a todas as necessidades das pessoas que fazem parte dela). A “pequenez” significa que a comunicação entre os de dentro é densa e alcança tudo, e assim coloca os sinais que chegam de fora em desvantagem, isto devido à sua relativa raridade, superficialidade e transitoriedade. E a auto-suficiência significa, por sua vez, que o isolamento da comunidade é quase completo, e as ocasiões para rompê-lo são poucas e espaçadas. A “pequena comunidade” defende o bloqueio dos canais de comunicação com o resto do mundo e a naturalidade do entendimento comunitário seria feita do mesmo estofado: da homogeneidade, de mesmidade.

No entanto, a mesmidade, de acordo com Bauman, desaparece quando a comunicação entre os de dentro e o mundo exterior se intensifica. Isto ocorre, segundo ele, devido ao aparecimento dos meios mecânicos de transporte; portadores de informação alternativa já podem em princípio viajar tão rápido do que as mensagens orais originárias do círculo da mobilidade humana natural. A distância – uma das maiores defesas da comunidade – perdeu sua significação devido ao advento da informática que emancipou o fluxo da informação proveniente do transporte dos corpos. Ainda de acordo com Bauman, a partir do momento em que a informação passa a viajar independente de seus portadores, e numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte, a fronteira entre “dentro” e o “fora” não pode mais ser estabelecida e nem mantida.

Por isso, Bauman acredita que a homogeneidade da comunidade nos dias de hoje só consegue ser constituída se for “pinçada”, a unidade precisa agora ser construída de modo artificial. O entendimento comum só é conseguido a partir de uma longa persuasão e argumentação. A comunidade nunca será imune à reflexão, contestação e discussão. Para ele, esta é a única forma possível de comunidade atualmente. E, se esta for alcançada, ela deverá ser uma “fortaleza sitiada” isolada dos bombardeios de inimigos exteriores e assolada pela discórdia interna.

Ainda de acordo com Bauman, a vulnerabilidade das identidades individuais e precariedade da solitária construção da identidade leva os construtores da identidade a procurar “cabides” para “pendurar” seus medos. São, segundo o autor, as “comunidades-cabide” oferecem um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas. (BAUMAN, 2003: p. 21). Como é observado, a teoria de Bauman destaca que a comunidade existente atualmente aumentará nossos temores e a insegurança em vez de diluí-las ou deixá-las de lado. Para ele, o sentimento de segurança proporcionado pela comunidade só é possível a partir do sacrifício da liberdade.

Já Wellman (1999), afirma que a comunidade não desapareceu, mas sim, mudou. O objetivo de Wellman é nos lembrar que as “comunidades virtuais” não precisam opor-se às “comunidades físicas”: são formas diferentes de comunidade, com leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras formas de comunidade. Segundo o autor, a comunidade está progressivamente se tornando privatizada. Esta mudança de comunidades enraizadas em um local específico, confinadas a uma área geográfica em direção a comunidades privatizadas virtuais é devido à privatização do espaço público tão importante para o desenvolvimento da antiga comunidade. Em compensação, de acordo com Wellman, o uso humano das tecnologias de comunicação está criando e sustentando laços comunitários. Estes laços transformaram o ciberespaço em

ciberlugares na medida em que pessoas se conectam com espírito familiar, engajadas em relacionamentos sociáveis e desempenhando suas atividades on-line com significado, pertencimento e identidade.

Ao contrário de Bauman, Wellman vê a personalização – umas das características da Internet – como um benefício para a constituição da comunidade. Para ele, as pessoas podem usar “filtros” para achar outros indivíduos com idéias afins. Assim, a comunidade se formaria tendo como base o interesse em comum entre seus membros. Wellman demonstrou num fluxo de descobertas coerentes no decorrer dos anos que o que surgiu nas sociedades avançadas é o que ele denomina “comunidades pessoais”: a rede social do indivíduo de laços interpessoais, que vão de meia dúzia de amigos íntimos a centenas de laços mais fracos. Tanto as comunidades de grupo quanto as comunidades pessoais funcionam tanto *on-line* quanto *off-line*. Nessa perspectiva, as comunidades substituem as redes sociais, com as comunidades locais sendo uma das muitas opções possíveis para a criação e a manutenção de redes sociais, e a Internet oferece mais uma dessas alternativas.

Wellman admite que a proliferação dos computadores encoraja mudanças na forma como as pessoas realizam contato entre si. Uma transição importante, segundo o autor, aconteceu nos séculos XIX e XX onde as relações comunitárias se transformaram de “door-to-door” para “place-to-place”, mais tarde para “person-to-person” e, por último, para “role-to-role”.

A mudança da interação “door-to-door” (comunidade espacialmente compacta e ligada onde as interações sociais se davam dentro de suas “porteiças”) para “place-to-place” foi conduzida pelo desenvolvimento do transporte e da comunicação. A partir daí, o grupo solidário que realizava relações em um local único passou a interagir com pessoas de diferentes lugares e redes sociais múltiplas. Os aparelhos domésticos se

tornaram importantes centros de rede de comunicação e a vizinhança ficou em segundo plano. A interação social a partir de agora não é mais “forçada” por motivos de proximidade como encontramos na “door-to-door”.

Comunidade se tornou domesticada. A comunidade “place to place” liga casas que não estão na mesma vizinhança. Pessoas vão de qualquer lugar para qualquer lugar para encontrar alguém, freqüentemente dentro de suas próprias casas. Ou pessoas telefonam de qualquer lugar para falar com alguém. A casa é o que é visitado, telefonado ou correspondido via e-mail. (...) A proximidade física não significa proximidade social.⁸ (WELLMAN, 2001: p. 08)

Vale lembrar aqui que não devemos cair numa visão evolucionista da sociedade. De acordo com Castells, a comunicação eletrônica domiciliar não induz o declínio de formas urbanas densas e não diminuiria a interação social localizada espacialmente. A importância cada vez maior das transações on-line não implica no desaparecimento de *shopping centers* e das lojas varejistas. Na verdade a tendência é oposta. Ainda de acordo com Castells, na maioria dos países os principais complexos médicos surgem em locais específicos, em geral, nas grandes áreas metropolitanas. Normalmente organizados em torno de um hospital, com frequência conectados a faculdade de medicina e enfermagem, incluem em sua proximidade física clínicas particulares. Na verdade esses complexos médicos representam importante força cultural e econômica nas áreas e cidades em que estão localizados. Pode-se dizer a partir daí, que a vizinhança continua a ser vivida intensamente por nós, uma vez que não deixamos de, por exemplo, ir ao trabalho, fazer compras nas ruas comerciais do bairro onde moramos,

⁸ No original: “Community gets domesticated place-to-place community links households that are not in the same neighbourhood. People go from somewhere to somewhere to meet someone, usually inside their homes. Or people telephone somewhere to talk to someone. The household is what is visited, telephoned or emailed. (...) Physical closeness does not mean social closeness.” (tradução minha)

assistir ao jogo do time preferido nos estádios de esporte ou ficar horas engarrafados no trânsito da cidade onde moramos.

O próximo tipo de conectividade apresentado por Wellman é a “person-to-person” que emergiu com o advento dos telefones móveis. Estes aparelhos, segundo o autor, fizeram com que o lugar não importasse mais; tanto faz onde estejamos – em casa, no hotel, no escritório, etc. – o lugar interessa menos do que a pessoa.

O desenvolvimento da conectividade “person-to-person” influenciou mais inovações em comunicação do que em transporte. Muitos laços “place-to-place” conectaram domicílios muito mais do que indivíduos. Em contraste, os celulares permitiram a liberação do lugar, eles usam a troca de laços comunitários ligando pessoas em lugares, onde estas estiverem. Para Wellman, a mudança para um mundo personalizado e sem fio permite que verdadeiras comunidades particulares forneçam suporte, sociabilidade, informação e sentimento de pertença para cada indivíduo separadamente. *“É o indivíduo, e não a casa ou o grupo, que é a unidade primária da conectividade (...).”*⁹ (WELLMAN, 2001: p.12)

A última forma de conectividade citada por Wellman é a denominada “role-to-role”, isto é, comunidades especializadas de um grupo de pessoas ligadas porque têm interesses afins ou porque têm funções complementares – como violonistas, violoncelista, sadistas e masoquistas, por exemplo. Este tipo de comunidade floresceu na Internet e se tornou abundante a partir do desenvolvimento das capacidades da rede. Para participar, as pessoas se inscrevem em listas de discussão onde a interação se dá, principalmente, através de e-mails pessoais.

⁹ No original: *“It is the individual, and not the household or the group, that is the primary unit of connectivity (...).”* (tradução minha)

É claro que todas as formas de conectividade citadas por Wellman coexistem em nossa sociedade. As tecnologias de comunicação abriram novas oportunidades para que outras formas de sociabilidade viessem à tona e coexistissem com as formas tradicionais que já existiam.

O pertencimento se torna o mais importante fator numa comunidade virtual. Este sentimento para com a comunidade pode ser encontrado nas noções clássicas de *Gemeinschaft* de Tönnies ou mesmo em Weber ou Durkheim. Este sentimento é encontrado na conectividade “role-to-role” de Wellman e de Rheingold quando este retrata seu envolvimento emocional com a comunidade WELL em seu livro “A Comunidade Virtual”. No entanto, o sentimento de pertença na comunidade constituída no ciberespaço é desencaixado da idéia de território físico como nas teorias sociais clássicas. Mas isso não quer dizer que o espaço não tenha o mesmo significado afetivo, isto porque os espaços são inventados e vão se transformando de acordo como nós os usamos. Segundo Palacios (1998 apud RECUERO, 2001: p. 09), existe também uma eletividade do pertencimento, ou seja, se torna possível escolher a comunidade da qual se quer fazer parte. “(...) o indivíduo só pertence se, quando e por quanto tempo estiver; efetivamente, interessado em fazê-lo”. (PALACIOS, 1998 apud RECUERO, 2001: p. 09).

Wellman afirma que a comunidade virtual não seria uma nova forma de socialização, mas simplesmente a comunidade tradicional modificada e transposta num novo suporte para a manutenção dos laços sociais. Este novo suporte de que fala Wellman é o ciberespaço onde os indivíduos se envolvem em relações sociais historicamente determinadas que dão a este espaço uma forma, um sentido social. Esta crítica apontada por Wellman apóia-se no fato de que grande parte das comunidades virtuais transporta seus laços sociais do ciberespaço para o mundo físico através de

encontros promovidos entre seus membros. É claro que devido à distância geográfica, alguns destes laços não podem atravessar para a vida *off-line*, ficando restritos ao local onde foram constituídos: no ciberespaço. Ressalta-se também que as relações sociais foram estabelecidas na rede por meio da comunicação mediada por computador (CMC), evidenciando o fato de que a interação social se deu de maneira completamente diversa da forma tradicional. Rheingold expõe esta diferença da constituição de relacionamentos nos dois tipos de comunidade:

“... nas comunidades tradicionais é costume apresentarem-nos alguém e ficarmos posteriormente a conhecê-lo; nas comunidades virtuais podemos ficar a conhecer uma pessoa e decidir posteriormente encontrar-nos com ela pessoalmente.(...) Na comunidade tradicional procuramos entre círculos de vizinhos, os colegas de profissão e entre conhecidos de conhecidos, de modo a encontrarmos quem partilhe dos mesmos valores e interesses. Depois trocamos informação sobre cada um, discutimos os interesses comuns e por vezes tornamo-nos amigos. Numa comunidade virtual podemos ir diretamente ao lugar onde os assuntos preferidos são discutidos e fica a conhecer alguém que partilhe dos mesmos gostos ou use as palavras de uma maneira atraente”. (RHEINGOLD, 1996: p. 44)

Como foi observado, muitos autores fazem críticas à idéia de comunidade aplicada ao ciberespaço. Uns admitem que as comunidades virtuais são comunidades tradicionais transpostas para um novo suporte. Outros, afirmam que a comunidade virtual não pode ser considerada comunidade, uma vez que não tem um território concreto para servir de base para as interações sociais. Apesar da polêmica, foram apresentados argumentos pertinentes para o uso do conceito no ciberespaço mesmo com algumas modificações na idéia de comunidade. Por isso, neste trabalho, será utilizado o termo “comunidade virtual”, defendido por alguns autores, para denominar a comunicação e os conseqüentes laços sociais estabelecidos no ciberespaço.

Neste trabalho, prefere-se acreditar que a Internet favorece a criação de novas comunidades – as comunidades virtuais – do que crer na premissa de que a rede e as demais tecnologias de comunicação estejam induzindo ao progressivo isolamento pessoal, cortando laços das pessoas com a sociedade e com o “mundo físico”. Aqui defende-se Rheingold quando se refere ao nascimento de uma nova forma de comunidade, que reúne pessoas *on-line* ao redor de valores e interesses em comum. Além disso, com base em sua própria experiência com a WELL, uma rede cooperativa de computadores da área da baía de *San Francisco*, ele propôs a idéia de que as comunidades criadas *on-line* poderiam transformar-se, como no próprio caso dele, em reuniões físicas, festas e apoio material para os membros da comunidade virtual. É claro que ainda não se sabe, ao certo, o grau de sociabilidade que ocorre nessas comunidades e quais são as conseqüências culturais dessa nova forma de sociabilidade, mas sabemos que estão emergindo novas maneiras de estar com o outro e novas formas urbanas de vida, adaptadas ao ambiente tecnológico.

4- Espaço e Sociabilidade

Após a queda do servilismo feudal que obrigava o camponês a permanecer nos estritos limites de seu feudo, pode-se dizer que a cidade moderna foi caracterizada pela mobilidade. A descoberta da circulação do sangue por William Harvey em 1628 deu início a uma verdadeira revolução científica que mudou toda a compreensão do corpo – sua estrutura, seu estado de saúde e sua relação com a alma. Este novo entendimento do corpo coincidiu com o advento do capitalismo moderno, contribuindo para o nascimento de uma grande transformação social: o individualismo. Foi neste contexto que nasceu a concepção: “*O homem moderno é, acima de tudo, um ser humano móvel*” (SENNETT, 2003: p. 214). Em a “A Riqueza das Nações”, Adam Smith foi o primeiro a reconhecer que as descobertas de Harvey levariam a isso; ele imaginou um mercado livre, de trabalho e mercadorias, operando de modo parecido à circulação do sangue e capaz de produzir as mesmas conseqüências. No entanto, para que as pessoas pudessem beneficiar-se da economia circulante, elas seriam obrigadas a abandonar velhos paradigmas. O *Homo economicus* vivia no espaço e não no lugar – a propósito tem-se aqui que fazer uma distinção entre as categorias território (lugar) e espaço: “*os territórios estariam ligados a uma ordem de subjetivação individual e coletiva e o espaço estando ligado a relações funcionais de toda espécie*”.¹⁰ (GUATARRI, 1985 apud GOMES & COSTA, 1988: p. 52). A troca de produtos e valores estimulava a conjunção do funcional uso do espaço com o oportuno uso do tempo. Enquanto o tempo e o lugar cristãos baseavam-se na força da compaixão, o espaço e o tempo econômicos apoiavam-se na agressividade. Essas contradições entre lugar e espaço, oportunidade e

¹⁰ Alguns autores distinguem “espaço” como categoria geral de análise e “território” como conceito. Segundo Moraes (2000 apud COSTA, 2004), por exemplo, “do ponto de vista epistemológico, transita-se da vaguidade da categoria espaço ao preciso conceito de território”.

estabilidade, piedade e atitudes hostis, atormentavam o espírito de cada burguês que tentava, simultaneamente, acreditar e lucrar na cidade. Além disso, esses atores econômicos móveis tiveram que aprender tarefas especializadas, individualizadas. É como se o movimento autônomo diminuísse a experiência sensorial, despertada por lugares ou pessoas que neles se encontrem.

Qualquer forte conexão visceral com o meio ameaça tolher o indivíduo. Hoje, como o desejo de livre locomoção triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move, o indivíduo moderno sofre uma espécie de crise tátil: deslocar-se ajuda a dessensibilizar o corpo. Esse princípio geral vem sendo aplicado a cidades entregues às exigências do tráfego e ao movimento acelerado de pessoas, cidades cheias de espaços neutros, cidades que sucumbiram à força maior da circulação. (SENNETT, 2003: p. 214).

A concepção de circulação de Harvey passou a ser aplicada nos centros urbanos no século XVIII. As vielas estreitas e tortuosas, os becos e cortiços deram lugar a ruas mais largas que permitissem a livre circulação de pessoas. Assim, os construtores passaram a pensar que as ruas também precisariam respirar – daí a analogia de imaginar a cidade como artérias e veias contínuas – *“das quais os habitantes pudessem circular tais como hemácias e leucócitos no plasma saudável”*. (SENNETT, 2003: p. 214)

Valorizada tanto pela medicina como pela economia, a circulação criou uma ética da indiferença, ou seja, o corpo secular em permanente locomoção corre o risco de ignorar sua história, ao perder suas conexões com outras pessoas e com os lugares através dos quais se move. *“Quando passou a entender movimento sem obstáculos como liberdade, a sociedade moderna mergulhou na dúvida sobre como satisfazer (...) o vínculo fraternal e sociável entre os cidadãos”*. (SENNETT, 2003: p. 255). A cultura do Iluminismo incentivava as pessoas a se moverem, pois acreditava-se que o

movimento articula, particulariza e individualiza a experiência. Já no discurso da saúde pública, o povo é considerado como um poço de doenças, cuja cura está relacionada com o fim das aglomerações.

Segundo Gomes e Costa (1988: p. 50), a ascensão e a criação desse novo mundo, sob a proteção da burguesia, procedeu a conquista “racional” do mundo, não só transformaram a ordem em caos, como são obrigadas a renová-lo (o caos) a cada momento em que se lhes ameaça a ordem. No espaço, segundo os autores, estão os signos da permanência e da mudança, e são vividos os ritos da ordem e do caos, da disciplinarização e dos desregramentos.

Assim, a cidade moderna foi planejada para organizar o corpo social e a sua circulação. O projeto moderno de cidade queria dar organização e racionalidade aos encontros turbulentos e desorganizados que as pessoas comuns realizavam no espaço público. Os veículos de transporte e de comunicação que foram surgindo atravessam os vários pontos do espaço da cidade e a circulação se fazia intensa por estas vias. As descobertas científicas iriam garantir o progresso e os deslocamentos cada vez maiores e mais rápidos. A circulação de pessoas, idéias e informações criam novas formas de sociabilidade e modelam a funcionalidade do espaço urbano. *“A conquista do espaço veio significar máquinas mais velozes. O movimento acelerado significava maior espaço, e acelerar o movimento era o único meio de ampliar o espaço”*. (BAUMAN, 2001: p. 131).

No espaço da cidade os indivíduos tiveram de viver a história da mobilidade rapidamente e encontros com estranhos foram se intensificando. Tivemos, então, que inventar novas maneiras de nos relacionar com estas pessoas que ao circular, dividiam o mesmo espaço – o espaço público. Foi aí que surgiram códigos e regras rígidas para o cidadão circular pelas ruas da cidade. É o que Sennett chama de “civildade”, atividade

que protege as pessoas umas das outras, permitindo que possam estar juntas. Antes de se tornar a arte individualmente aprendida e provadamente praticada, a civilidade é uma característica da situação social.

... Usar uma máscara é a essência da civilidade. As máscaras permitem a sociabilidade pura, distante das circunstâncias do poder, do mal-estar e dos sentimentos privados das pessoas que as usam. A civilidade tem como objetivo proteger os outros de serem sobrecarregados com nosso peso. (SENNETT, 1988: p. 264)

Como se vê, quando o espaço sofre alterações, também mudam a maneira como nos relacionamos uns com os outros. É o que afirma Simmel (1987). Segundo ele, a sociabilidade era vista de maneira conturbada, já que a metrópole era considerada como o lugar do dinheiro e da divisão do trabalho – fatores determinantes para as relações sociais e para a mobilidade. Então o homem neste novo contexto criaria mecanismos de resistência de interações com o outro, é a “atitude de reserva” que vem da desconfiança que os sujeitos têm, já que nem chegam a conhecer seus vizinhos e as pessoas com as quais convivem no cotidiano urbano como era comum em épocas anteriores.

Além disso, na sociabilidade moderna, as comunidades que eram formadas por sentimentos, afetividades e emoções compartilhadas, dão lugar a relações contratuais, ou seja, as regras sociais não são mais criadas no interior de uma comunidade, mas na autoridade exterior, nas instituições sociais, com seus códigos e leis. A comunicação de massa é uma das grandes responsáveis por esta sociedade contratual, uma vez que ela faz circular um conjunto de representações que se colocam de maneira sedutora na coletividade, posicionando o indivíduo no mundo. “*Nesse momento, assumem um caráter totalitário qualquer crítica ou interpretação sobre as novas descobertas técnicas e científicas que configuravam os espaços sociais*”. (MAIA, 2003: p. 10).

Nesta etapa da cultura, os sentidos humanos estavam abertos a novas sensibilidades e formas de ver o mundo. “*Construímos e vivemos novos territórios*” (MAIA, 2003: p. 12). A “indústria cultural” criou um ambiente plural para a sociedade, facilitando a circulação acelerada e diversificada de hábitos e costumes. Novas e variadas formas de viver o mundo eram expostas diariamente em tempo integral, criando um mundo onde a “cultura midiática” se impunha como um fato social de penetração universal. A indústria da cultura estava visivelmente revelando valores e discursos que iriam reformular o espaço urbano, a circulação de informações e as relações sociais.

Segundo Castells, do ponto de vista da teoria social, o espaço¹¹ é o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado. Qualquer suporte material tem sempre sentido simbólico, é um produto material em relação a outros produtos materiais – inclusive pessoas – as quais se envolvem em relações sociais – historicamente – determinadas que dão ao espaço uma forma, uma função e um sentido social. Entretanto, tanto o espaço quanto o tempo ao longo do tempo se transformaram sob o efeito combinado do paradigma da tecnologia da informação e das formas e processos sociais induzidos pelo processo de transformação histórica. A sociedade à medida que vai passando por transformações estruturais, muda também as formas e processos espaciais.

Diante de tantas transformações e no momento em que o velho está morrendo, mas o novo não conseguiu nascer; nascem os discursos dos “fins” devido à falta de

¹¹ Castells prefere utilizar o termo espaço ao invés de território. Se comparado o conceito de território de COSTA (2004) com o de Castells, verifica-se que os dois autores dizem o mesmo a partir de termos diferentes. Neste trabalho, será utilizado o conceito de território em que é priorizado a sua dimensão simbólica e mais subjetiva. O território é visto como um produto da apropriação/ valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. A sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais. (COSTA, 2004).

palavras para denominar o novo. No “decreto” do fim da geografia foi dito que no lugar do desaparecimento do tempo, era o espaço que estaria sucumbindo. Ou melhor, o primeiro estaria suprimindo o segundo. Imerso em relações de velocidades nunca vistas, o homem passaria a envolver-se em relações instantâneas, sem tempo, ou melhor, em tempo real. Expressão esta ambígua na opinião de Lopes & Bastos (2002: p. 30), uma vez que se o tempo desaparece, como pode se tornar real? Segundo estes mesmos autores, a ambivalência dos termos é mesmo uma característica de períodos de intensa mudança, quando já não se pode mais contar com as palavras costumeiras para designar as coisas, ou aquelas que tínhamos já não dizem muito, e tudo é encoberto em duplos, triplos sentidos.

Essa realidade do tempo, imediato, instantâneo significaria, por outro lado, que ele, até aqui irreal, agora estaria, enfim, realizado, ou seja, teria se transformado em puro espaço, pura sincronia. O que, na verdade, dá solidez e concretude, ao tempo é a sua dimensão espacial, a ele indissociavelmente ligada. O discurso do fim do tempo, da distância diacrônica, se confundiria assim, facilmente, com o discurso de uma cultura cada vez mais dominada pelo espaço e por uma lógica espacial. Estaríamos dominados pelo espaço, pela sincronicidade, pela instantaneidade, ou pelo tempo, pela velocidade? Ainda de acordo com Lopes & Bastos (2002: p. 30), se o tempo é uma espécie de quarta dimensão do espaço – como propôs a relatividade de Einstein – fica difícil optar entre estes dois poderes, o poder do tempo e o poder do espaço. Se a velocidade do tempo suprime o espaço, ela também desaparece. O que interessa aqui é que se sabe que o mundo não teve suprimidas as suas distâncias espaciais. O que aumentou foi sua complexidade, ou seja, velocidades muito mais distintas, múltiplas, foram distribuídas pela superfície do planeta.

Paul Virilio (1993) ao dissertar sobre a aceleração do mundo contemporâneo e da instantaneidade que apaga definitivamente a realidade das distâncias, dissocia espaço de tempo sem perceber que se trata de dimensões gêmeas, em que uma dá sentido à outra. Ao tentarmos suprimir estas duas referências fundamentais de nossas vidas, podemos estar suprimindo nossa própria identidade. Por isso, acredita-se que ao invés de estarem desaparecendo, a geografia e seus espaços – ou territórios – estão, na verdade emergindo sob novas formas, com novos significados. Aqui voltamos a Lopes & Bastos (2002: p. 31) quando diz que toda desterritorialização¹² – destruição dos territórios – implica, obrigatoriamente, uma reterritorialização, pois é inerente ao ser humano, aos grupos culturais, a recomposição da sociedade em bases territoriais. Mais do que o desaparecimento dos territórios, o que estamos presenciando é a consolidação de novas formas de organização territorial.

Atualmente, na contemporaneidade, visitam-se outros espaços sem sair de casa. A tela do computador é mais instrumento que leva as pessoas a estarem em diferentes e novos espaços. Os deslocamentos passam a se realizar na imaginação, e o corpo não precisa apenas de mobilidade concreta. A contemporaneidade une o mundo imaterial do ciberespaço com o mundo material da modernidade. A partir desse contexto, criamos novos espaços de sociabilidade e novas formas de “estar juntos”. *“Os modos de vida vão se transformando de acordo com as invenções que fazemos dos espaços”* (SANTOS, 2002. p.49).

Segundo Maia (2003: p. 13), a pluralidade de estilos de vida nos anos 90, a conseqüente segmentação do mercado do consumo cultural e os efeitos das novas tecnologias de comunicação colocaram em aceleração a formação e divulgação de

¹² Mesmo conceito utilizado por Deleuze e Guattari (1997b: 224 apud Costa, 2004: p. 127): *“movimento pelo qual se abandona o território, ‘é a operação da linha de fuga’, e a reterritorialização é o movimento de construção do território”*.

imagens fragmentadas dos espaços concretos das cidades. Tornou-se impossível definir claramente e de maneira unívoca as formas de relações sociais que se estabelecem nesses territórios contemporâneos. Modernamente se definia cientificamente a cidade através de um sentido único, totalizante, utilitarista ou mesmo segmentado, porém hoje as redes de comunicação tornam os espaços sensibilizados, voláteis, fragmentados e não permitem interpretações totalitárias.

Com a ajuda da tecnologia perambulamos por novos espaços buscando ainda pessoas estranhas para nos relacionar e interagir de diferentes maneiras. Hoje, - diferente da modernidade - esses espaços se multiplicaram, se fragmentaram, se dilaceraram. Um desses espaços, com certeza, é o da Internet. Para Maia (2003: p. 14), estamos, de certa forma, com as redes da internet, revivendo o vigor das redes de amizades dos clubes revolucionários e populares do século XVIII. Essa união das pessoas em rede é forte e são como uma ordem de resistência ao pensamento dos homens que interpretam o mundo de forma totalizante. É bom lembrar que as redes evocam congregações, comunhões, mas também errância e prazer no encontro efêmero. O internauta que viaja no caminho desconhecido das redes procura a fusão comunitária. Parece que estamos vivendo a mudança da limitada mobilidade moderna para múltiplos tipos de circulação nas cidades.

Atualmente, o processo de circulação da diversidade é incrementado pelas novas tecnologias e os produtos dessa cultura fragmentada das cidades não pedem licença para as instituições legitimadoras do Estado, mas nem por isso deixam de fundar lugares. Circulam pelas redes novas concepções de mundo, de espaço e território. Os aspectos transterritoriais da cultura nos projetam em espaços sem referências concretas, mas que não deixam de ser vividos de maneira intensa. Hoje, é dentro das redes de comunicação

que se estabelece, na cidade ou na Internet, uma nova maneira de se viver “em conjunto”. (C.f. MAIA, 2003)

Anthony Giddens (1991) distingue as sociedades tradicionais ou “regionais, espaço-temporalmente “encaixadas”, das sociedades modernas, espaço-temporalmente “desencaixadas”. Nas sociedades tradicionais, a interação face a face é praticamente a única possível de se realizar a comunicação. A economia encontra-se muito dependente das condições físicas onde a produção se instala e a significação aparece como qualidade das coisas profundamente enraizada e encaixada no território de uma dada cultura. Nas sociedades modernas e, mais notadamente, nas sociedades globalizadas da modernidade tardia ou radicalizada, ocorre o fenômeno do “desencaixe”, definido por Giddens como o “deslocamento” das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de espaço-tempo. (1991, p. 29)

Um dos traços fundamentais que caracterizam a modernidade radicalizada – de acordo com Giddens – é a base tecnológica, fundada pela informatização, que teria “desencaixado” espaço e tempo de tal forma que não podemos mais delimitar grupos sociais e culturais a partir de uma base territorial definida. O contato multiescalar, do local ao global, complexificou muito as relações sociais e fez com que escalas tradicionalmente mais definidas e dominantes, como a do Estado-nação e da “região”, se tornassem mais patamares de intermediação do que escalas centrais de referência.

Não há mais, obrigatoriamente, a necessidade de que o contexto, em seu sentido tradicional de entorno imediato ou condições ambientais diretas, seja o principal elemento para compreendermos as relações sociais – na verdade, é a própria concepção de “contexto” que está sendo alterada. Cada vez mais a dinâmica social se efetiva em relação com outros níveis espaciais, outros pontos de referência, muitas vezes completamente alheios às circunstâncias locais ou de contato face a face. Isto significa

que não se trata propriamente nem de um “esvaziamento” nem de uma separação, como o termo “desencaixe” supõe, mas sim de uma espécie de “alongamento”, de inter-relações mais extensas porque descontínuas, podendo associar espaços muito distantes numa mesma temporalidade. Trata-se, enfim, de espaço-tempo mais múltiplos, combinações muito mais imprevisíveis e espacialmente mais fragmentadas.

Quando se pensa nas formas de sociabilidade na contemporaneidade, não se pode esquecer de Zygmunt Bauman (2001: p. 113). Este autor admite que alguns tipos de espaço se afastaram do modelo ideal de espaço civil, onde acontecem as interações sociais. A sociabilidade, segundo Bauman, cede lugar ao individualismo extremo. Para comprovar sua tese, Bauman usa como exemplos a Praça *La Défense* em Paris onde tudo o que se vê inspira respeito e ao mesmo tempo desencoraja a permanência. “*Nada alivia ou interrompe o uniforme e monótono vazio da praça*”. (BAUMAN, 2001 p: 113) De vez em quando filas de pedestres apressados emergem debaixo da terra e desaparecem rapidamente e aí, a praça fica novamente vazia. Outro lugar, que segundo Bauman, desencoraja a interação, mas encoraja a ação é o *shopping*; os consumidores compartilham este espaço físico de consumo sem ter qualquer interação social real. Para ele, o *shopping* é o mito perdido da solidariedade comunitária.

Para Bauman, a principal característica desses lugares públicos mas não civis é dispensar a interação. Se a proximidade física não puder ser evitada, ela pode pelo menos ser despida da ameaça de “estar juntos” que contém, com seu convite ao encontro significativo, ao diálogo e à interação. Se não se puder evitar o encontro com estranhos, pode-se pelo menos tentar evitar maior contato. O antropólogo Claude Lévi-Strauss - citado por Bauman (2001) – sugeriu duas estratégias que foram utilizadas na história humana quando a necessidade de enfrentar a alteridade dos outros surgiu. São elas: a antropeômica e a antropofágica.

A primeira estratégia consiste em “vomitar”, cuspir os outros vistos como estranhos e alheios: impedir o contato físico, o diálogo e a interação social. As formas elevadas, “refinadas” (modernizadas) da estratégia “êmica” são a separação espacial, os guetos urbanos, o acesso seletivo a espaços e o impedimento seletivo a seu uso. A segunda estratégia consiste numa “desalienação” das substâncias alheias: “ingerir”, “devorar” corpos e espíritos estranhos de modo a fazê-los, pelo metabolismo, idênticos aos corpos que os ingerem, e portanto não distinguíveis deles. Essa estratégia também assumiu ampla gama de formas: do canibalismo à assimilação forçada. Se a primeira estratégia visava ao exílio ou aniquilação dos “outros”, a segunda visava à suspensão ou aniquilação de sua alteridade. A praça La Défense em Paris é um exemplo arquitetônico da estratégia “êmica”, enquanto os “espaços de consumo” representam a fágica”. Ambas – cada uma à sua maneira – respondem ao mesmo desafio: a tarefa de enfrentar a chance de encontrar estranhos, característica constitutiva da vida urbana.

Bauman (2001) cita ainda Marc Augé e Georges Benko que vão falar dos “não-lugares” que partilham de certas características com nossa primeira categoria de lugares ostensivamente públicos, mas enfaticamente não-civis: desencorajam a idéia de “estabelecer-se”, tornando a colonização ou domesticação do espaço quase impossível. O que quer que aconteça nesses não-lugares, todos devem sentir-se como se estivessem em casa, mas ninguém deve se comportar como se estivesse verdadeiramente em casa. Um não-lugar é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história: alguns exemplos incluem aeroportos, auto-estradas, anônimos quartos de hotel, transporte público, entre outros.

De acordo com Bauman (2001), os não-lugares não requerem domínio da sofisticada e difícil arte da civilidade, uma vez que reduzem o comportamento em público a preceitos simples e fáceis de aprender. Por causa dessa simplificação, também

não são escolas de civilidade. Também segundo o autor, atualmente os não-lugares colonizam fatias cada vez maiores do espaço público e as reformulam à sua semelhança, as ocasiões de aprendizado são cada vez mais escassas e ocorrem a intervalos cada vez maiores.

As diferenças podem ser expelidas, engolidas, mantidas à parte e há lugares que se especializam em cada caso. Mas as diferenças também podem ser tornadas invisíveis, ou melhor, impedidas de serem percebidas. Esse é o caso dos “espaços vazios”, termo criado por Jerzy Kociatkiewicz e Monika Kostera (1999 apud BAUMAN, 2001). Segundo eles, os espaços vazios são lugares a que não se atribui significado. Não precisam ser delimitados fisicamente por cercas ou barreiras. Não são lugares proibidos, mas espaços vazios, inacessíveis porque invisíveis, não os conhecemos. Esse lugares resistem ao significado, a questão de negociar diferenças nunca surge: não há com quem negociá-la. Além disso, eles são lugares que “sobram” depois da reestruturação de espaços realmente importantes.

O que importante frisar é que Bauman não ignora a existência de resquícios de uma comunidade, mesmo que inventada. Ainda podemos ver a possibilidade de existência de valores comunitários em nossa memória. O autor define a sua existência:

Podemos dizer que “comunidade” é uma versão compacta de estar junto, e de um tipo de estar junto que quase nunca ocorre na “vida real”: um estar junto de pura semelhança, do tipo “nós que somos todos o mesmo”; um estar junto que por essa razão é não-problemático e não exige esforço ou vigilância, e está na verdade pré-determinado; um estar junto que não é tarefa, mas “o dado” e dado muito antes que o esforço de fazê-lo. (BAUMAN, 2001: p. 116)

A idéia de comunidade mesmo que forjada revela o desejo de se compartilhar espaços. Não é apenas uma necessidade de se inventar maneiras de livrar-nos do outro,

não desejamos espaços esvaziados de gente e de sentido. Ainda existem de espaços repletos de gente, espaços de celebração: a avenida em dia de carnaval, a praia, o estádio em dia de jogo de futebol. Segundo Maia, estes lugares não param por aí. Novos espaços são inventados. Existem também diversos eventos cotidianos que celebram valores comunitários, por exemplo no natal, ônibus são enfeitados *“As pessoas que viajam diariamente naquela linha de ônibus são companheiros de trajetos, de circulação e comungam do espaço que se movimenta”* (MAIA, 2003). Dá-se personalidade ao trajeto de forma afetiva e festiva. Existe a partilha de um mesmo território – seja ele real ou simbólico.

Michel Maffesoli (1998) admite que estaria ocorrendo hoje um “reencantamento do mundo” que tem como principal alicerce uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum. Segundo o autor, pode-se perceber que certos lugares produzem energia, identificação, um sentimento de pertença forte. O “gênio do lugar” é um sentimento coletivo que conforma um espaço. Para o autor são lugares de convívio protetor. Essa valorização do território vai acentuar o nosso cotidiano banal, sem diminuir o desejo de circular.

Para Maffesoli, o mundo pós-moderno não desterritorializa, mas sobretudo, reterritorializa. As “tribos”, na sua revalorização da vida cotidiana, da frivolidade e superficialidade que torna possível qualquer forma de agregação, provocam a aproximação. *“E é porque existe a partilha de um mesmo território (seja ele real ou simbólico) que vemos nascer a idéia comunitária e a ética que é seu corolário”* (MAFFESOLI, 1998: p. 24).

As múltiplas “tribos” a que cada um pode pertencer revelariam múltiplas territorialidades, efêmeras que assumiríamos ao longo do nosso cotidiano, multiplicidade esta facilitada pelos contatos via Internet ou Minitel (sistema francês que

antecipou a Internet). Estaria sendo anunciada uma nova racionalidade, ao mesmo tempo “centrífuga e centrípeta”, estática e dinâmica, entre massa e tribo, segregação e tolerância, na qual o coeficiente de pertença não é absoluto, cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo em cada um deles uma parte importante de si.

Surge, então, uma tentativa de se compreender o novo espaço que emerge na contemporaneidade. Pode-se viver a sociabilidade sem a necessidade de um espaço modernamente civil, como também se pode criar simbolicamente espaços de sociabilidade, não necessariamente, concretos, isto é, inseridos no espaço físico das cidades. Este é o exemplo das comunidades virtuais que dentro de um ambiente imaterial congrega pessoas que têm como base o sentimento de pertencimento e aconchego.

No mundo contemporâneo fica evidente que o peso da construção de novos territórios diz respeito a uma dimensão simbólica na medida em que referências a um território imaginário podem ser feitas e mesmo vividas graças à facilitação dos contatos proporcionados pelas tecnologias de comunicação. Pode-se afirmar que, muito mais do que uma pós-modernidade desterritorializadora, estamos presenciando novas feições do território e aprendendo a conviver com diversas territorialidades.

Vale salientar que não se podem generalizar os conceitos do que foram os contextos da modernidade e pós-modernidade. A modernidade foi conhecida como a “era da circulação”, da individualidade, das relações contratuais, ou seja, as regras sociais criadas na autoridade exterior, nas instituições sociais, com seus códigos e leis. Mas isto não quer dizer que as comunidades baseadas nos sentimentos, afetividades e emoções compartilhadas desapareceram totalmente. E nem pensar, também, que a contemporaneidade é completamente destituída de espaços de sociabilidade. E aqui

concordamos com Castells quando ele diz que o espaço de fluxos¹³ – termo que o autor usa para denominar uma nova lógica espacial que surge com o advento das redes eletrônicas – não permeia toda a esfera da experiência humana na sociedade em rede. Sem dúvida, a grande maioria das pessoas nas sociedades tradicionais, bem como nas desenvolvidas vive em lugares e, portanto, percebe seu espaço com base no lugar. Ainda de acordo com Castells, um lugar é um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras de contigüidade física.

Retomando Costa (2004), o discurso da desterritorialização se tornou uma marca da chamada pós-modernidade e está ligado à aceleração do movimento, que estaria na opinião de alguns autores¹⁴, aniquilando o espaço pelo tempo. Nessas concepções, de acordo com Costa, o território e a des-territorialização compõem uma dimensão espacial ou geográfica que aparece desvinculada de sua contraparte indissociável, a dimensão temporal e histórica. Fruto desta visão de espaço – e conseqüentemente do território – mais estática e quase a-temporal, o discurso da desterritorialização torna-se assim o discurso da(s) mobilidade (s) tanto da mobilidade material (da mobilidade de pessoas) quanto da mobilidade imaterial (aquela ligada aos fenômenos de compressão tempo-espaço, difundida pela informatização através do chamado ciberespaço). Isto como se não fosse possível o território incorporar a idéia de movimento e como se não pudesse encontrar a reterritorialização no interior da própria mobilidade.

É justamente nas temáticas do chamado “nomadismo” e das migrações, da i-mobilidade humana e do ciberespaço

¹³ Para Castells, há uma forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Ele considera “fluxos” as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade. (CASTELLS, 1999: p. 501)

¹⁴ Por exemplo Canclini, Nestor (1995, Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: ed. UFRJ. apud COSTA, 2004:p.222)

que se desenha um dos importantes debates sobre desterritorialização, especialmente aquele que coloca em xeque a idéia preconcebida de que mobilidade é sinônimo de desterritorialização, da mesma forma que estabilidade ou pouca mobilidade significaria, obrigatoriamente, territorialização. (COSTA, 2004: p. 236)

Costa, então, propõe uma concepção mais dinâmica de território, incorporando a noção de território-rede que conceberíamos uma espécie de territorialização “no movimento”. Assim, a territorialização pode ser construída no movimento, sobre o qual exercemos nosso controle e/ou com o qual nos identificamos, a desterritorialização, por sua vez, também pode ocorrer através da “imobilização”, pelo simples fato de que os “limites” de nosso território, mesmo quando claramente estabelecidos, podem não ter sido definidos por nós e, mais grave ainda, estar sob controle ou comando de outros. Um exemplo da desterritorialização através da imobilização é o espaço da prisão, que ao mesmo tempo que participa de processos de territorialização, como um território que “protege” quem está fora dele, não é considerado um território para os presidiários, ou, pelo menos, não para os recém-chegados que ficam completamente destituídos de referência socioespaciais capazes de rearticulá-los em torno de uma nova territorialidade.

Ao mesmo tempo em que muitos autores ainda estão presos a uma lógica que vê o território - e o espaço, num sentido mais genérico - como materialidade bidimensional bem delimitada e, portanto, individualizável, e interpretam a não-desterritorialização do ciberespaço pela simples presença das infra-estruturas físicas da rede, também há aqueles que, no outro extremo, partilham de uma visão idealista de território, afirmando que não há uma desterritorialização pelo simples ato de que o território está sendo construído em outras bases, agora puramente abstratas, como as das “comunidades virtuais” encontradas na Internet. Já Costa, tem uma interpretação intermediária a estas

duas citadas acima, que vê o território – e conseqüentemente, a espacialidade na qual ele é construído – como sendo um híbrido entre “*materialidade e imaterialidade, funcionalidade e expressividade*” (COSTA, 2004: p.270), pelo simples fato de que estas dimensões são inseparáveis – como dito anteriormente – “*e que os processos de territorialização e desterritorialização só podem se dar através de uma perspectiva permanentemente conjugada entre elas*” (COSTA, 2004: p.270).

Com a presença do elemento rede na constituição de territórios, assim como a fluidez crescente dos espaços, proporcionada pelo meio técnico-científico informacional contemporâneo, pode-se dizer que o mundo moderno das territorialidades contínuas/contíguas regidas pelo princípio da exclusividade estaria dando lugar, hoje, ao mundo das múltiplas territorialidades ativadas de acordo com os interesses, o momento e o lugar em que nos encontramos. (C.f. COSTA, 2004). Segundo COSTA (2002/2004), muito mais que uma pós-modernidade desterritorializadora, estamos inseridos numa ultramodernidade desreterritorializadora, em que as novas feições do território implicam num domínio de um novo padrão, como buscou impor a ordem territorial do Estado-nação na modernidade clássica, mas a convivência de diversas territorialidades, a multiterritorialidade. Esta multiterritorialidade encontrada nas grandes metrópoles é conseqüência direta da predominância, especialmente no âmbito do chamado capitalismo pós-fordista ou de acumulação flexível, de relações sociais constituídas através de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos. Vale salientar, que não quer dizer que as formas antigas de território não continuem presentes, coexistindo com as novas modalidades de organização territorial. (SANTOS, M: 2002)

Multiterritorialidade implica assim a possibilidade de acessar ou conectar diversos territórios, o que pode se dar tanto através de uma “mobilidade concreta”, no sentido

de um deslocamento físico, quanto “virtual”, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas novas experiências espaço-temporais proporcionadas através do ciberespaço. (COSTA, 2004: p. 344).

Durkheim também alertou, há mais de um século atrás, que as mudanças de seu tempo não levariam, necessariamente, a uma desterritorialização:

(...) não queremos dizer que as circunscrições territoriais estão destinadas a desaparecer completamente, mas apenas que passarão para o segundo plano. As instituições antigas nunca desvanecem diante das novas instituições, a ponto de não mais deixarem vestígio de si mesmas. Elas persistem, não apenas por sobrevivência, mas porque persistem também algumas das necessidades a que correspondiam. A proximidade material constituirá sempre um vínculo entre os homens; por conseguinte, a organização política e social com base territorial certamente subsistirá. Apenas ela não mais terá sua atual preponderância, precisamente porque esse vínculo perde a força. De resto (...) sempre encontraremos divisões geográficas, inclusive na base da corporação. Além disso, entre as diversas corporações de uma mesma localidade ou de uma mesma região, haverá necessariamente relações especiais de solidariedade que sempre reclamarão uma organização apropriada. (Durkheim, 1995: p. 436 apud COSTA, 2004: p. 364).

O que se quer supor neste trabalho é que a comunicação eletrônica não induz o declínio de formas urbanas densas e nem diminui a interação social localizada espacialmente. Mais do que isso, não se pode perder de foco, as novas formas de sociabilidade advindas do ciberespaço, suas transformações e sua importância na contemporaneidade. Nesse sentido, segue-se a orientação teórica de Costa (2004) que considera a “multiterritorialidade”, em que convive-se com várias modalidades de territorialidades. As redes contemporâneas configuram, assim, territórios descontínuos, fragmentados, superpostos, mas que não deixam de ser vividos com intensidade.

5 - Descrição do Estudo de Caso – Sítio “Agenda do Samba e do Choro”

O objeto de investigação do presente trabalho é o sítio “Agenda do Samba e do Choro” (www.samba-choro.com.br) que tem como principal foco a divulgação da cultura e dos eventos realizados – em todo o Brasil – destes dois tipos de música popular brasileira. O sítio conta, entre outras seções, (tais como lista das casas de samba de todo Brasil, notícias, artigos, compras, partituras e biografias) com a Tribuna Livre – que é a lista de discussão – e o Informativo da Agenda que traz notícias sobre os eventos de samba e choro a serem realizados no país e é enviado duas vezes por semana para os assinantes.

A lista de discussão conta com 446 assinantes. Muitas pessoas acompanham os e-mails da lista pela página da Agenda, onde todas as mensagens ficam arquivadas. O arquivo dos e-mails da lista começam em 1997 – ano de criação da Tribuna Livre – e vão até 2004. Já a Tribuna do Samba e do Choro, informativo do sítio, é enviado para 21.398 pessoas. Segundo informações do próprio sítio, a Agenda do Samba e do Choro é um dos mais antigos sítios do país e se tornou um dos mais importantes canais de divulgação da boa música brasileira, dentro e fora da Internet. O sítio teve início em 1996 e a lista de discussão começou suas atividades em 1997. O fundador é o webmaster e analista de sistemas, Paulo Eduardo Neves. O site surgiu do entusiasmo de Paulo Neves a partir do advento da Web. Segundo ele, a possibilidade de escrever sobre o assunto e a automatização da publicação o fascinou. A partir daí, o criador do sítio resolveu divulgar as rodas de samba e de choro que aconteciam na cidade.

Uma preocupação minha foi sempre manter um espaço para discussão. Em julho de 1997, criei a lista de discussão. A lista serviu não só para que eu aprendesse sobre música, como me fez conhecer mais gente interessada em ajudar a fazer a Agenda. Gente de São Paulo, Minas e Brasília começava a nos mandar notícias sobre o que acontecia em matéria de samba em sua

terra. Era algo que só uma nova mídia como a Internet permitia: pessoas espalhadas pelo Brasil fazendo uma publicação. O sítio se tornava nacional. (Depoimento permanente de Paulo Neves no sítio em www.samba-choro.com.br)

O funcionamento da lista é automático, ou seja, qualquer mensagem enviada a qualquer pessoa para o endereço tribuna@samba-choro.com.br é distribuída imediatamente para todos que assinam a lista. Não há um mediador – que selecione mensagens ou trechos de mensagens antes de repassá-los aos outros assinantes. A Tribuna tem suas regras internas formuladas – a netiqueta – informada no sítio e recomendada a todos que a assinam. A recomendação mais importante é a de se ater aos assuntos da lista, ou seja, ao samba e ao choro.

A Agenda realiza festas desde 2001. Neste ano e em 2002 e 2003 as confraternizações aconteceram no Centro Cultural José Bonifácio. Segundo Rodrigues (2004: p. 11), os três encontros foram lotados pelos internautas assinantes da lista. As festas, sem divulgação na grande imprensa, contaram com cerca de quatro mil pessoas, provenientes de diversos estados do país e com a participação de ícones da música popular brasileira como a cantora Beth Carvalho.

Em 2004, a festa de aniversário da Agenda foi realizada no dia 07 de novembro na quadra da Portela, em Madureira, no Rio de Janeiro. E em São Paulo a festa aconteceu no dia 14 de novembro no Espaço Cuca. As duas festas tiveram como homenageado o sambista Jair do Cavaquinho. Segundo o coordenador das Festas e fundador da Agenda, Paulo Neves, duas mil pessoas estiveram presentes na quadra da Portela no Rio de Janeiro e em São Paulo, 1.100 pessoas participaram.

6- Análise dos resultados

Como dito anteriormente, a parte qualitativa do presente trabalho utilizou-se de três instrumentos fundamentais de pesquisa: as entrevistas exploratórias, a análise dos e-mails da lista de discussão e, por fim, a aplicação de questionários. A primeira análise a ser descrita será as entrevistas exploratórias realizadas com alguns participantes da lista em 07 de novembro de 2004, dia da festa de aniversário da Agenda na quadra da Portela, em Madureira, no Rio de Janeiro.

6.1- Análise – Entrevistas Exploratórias

Como já foi dito, as entrevistas foram realizadas no dia da festa de aniversário da “Agenda do Samba e do Choro” em 07/11/2004 na quadra da Portela, no Rio de Janeiro. No total, foram entrevistadas seis pessoas. Duas delas já foram participantes da lista e as outras ainda participam. As entrevistas tiveram um caráter exploratório com o objetivo principal de saber a importância da lista de discussão, o motivo da presença na festa e o significado da mesma para o entrevistado.

As principais perguntas foram: há quanto tempo você participa da lista?; qual o significado que a lista tem na sua vida?; é a primeira vez que você vem na festa da Agenda? e qual a importância de participar da festa?. Dos entrevistados, três são do Rio de Janeiro, um é de Niterói (RJ), um de São Paulo (SP) e um de Piracicaba (SP).

Além do interesse comum que é o samba e o choro, todos os entrevistados admitiram que estavam presentes na festa para reencontrar amigos – que conheceram via Internet, na lista de discussão e fazer novas amizades. Todos reconheceram que a festa é uma forma de encontrar uma família constituída por interesses comuns, o que de certa forma, dá mais alicerce aos laços sociais.

A gente tem a possibilidade de, nesse mundo caótico e fragmentado que a gente vive, encontrar pessoas que a gente não tenha que discutir interesses amplos. A gente tem um interesse comum e são desses interesses que se desenvolve uma amizade.
(Gustavo Dumas, escritor e compositor – entrevistado)

De acordo com o depoimento acima, deve-se retomar a teoria de Wellman (2001) que diz que a comunidade virtual não seria uma nova forma de socialização, mas simplesmente a comunidade tradicional modificada e transposta num novo suporte para a manutenção dos laços sociais. Este novo suporte é o ciberespaço onde os indivíduos se envolvem em relações sociais historicamente determinadas que dão a este espaço uma forma, um sentido social. Este argumento apontado por Wellman apóia-se no fato de que grande parte das comunidades virtuais transporta seus laços sociais do ciberespaço para o mundo físico através de encontros promovidos entre seus membros.

Um dos entrevistados demonstrou um certo “desencanto” com o conteúdo da lista de discussão nos últimos tempos, motivo pelo qual deixou de participar da lista (mas apesar disso não perdeu o contato com o sítio e com as amizades que fez). Segundo ele, a lista era mais voltada para discussão aficcionada do samba e do choro e quem participava possuía muito conhecimento do que dizia, fazendo com que a lista fosse um grande repositório coletivo de conhecimento. Para ele, com o tempo, a lista foi “*mudando e foi deixando de ser exclusivamente esse lugar de conhecimento...*” (Fernando Szegeri, funcionário público – entrevistado). Mesmo assim, Fernando Szegeri reconhece que a festa é um local de reunião da comunidade ligada ao samba e ao choro e onde se fazem muitas amizades. “*Hoje de 2 mil pessoas que estiverem aqui, eu vou conhecer, sei lá, 600 ou 700. Isso é maravilhoso.*” (Fernando Szegeri, funcionário público – entrevistado)

A entrevistada Lúcia Helena Maria de Almeida, que participa há um ano da lista, declara que além de aprender sobre samba e choro, ela conhece muitas pessoas e

construiu um novo círculo de amizade a partir da lista: “...*O meu ambiente de amizade é muito dos meus amigos de faculdade, de bairro. Agora eu posso dizer que tenho um outro círculo de amizade*”.(Lúcia Helena Maria de Almeida, engenheira agrônoma – entrevistada) Um fato interessante é que Lúcia - além de concordar com todos os outros entrevistados de que a festa é um local de encontro e reencontro de amigos - dá uma simbologia muito forte ao lugar onde a festa da Agenda aconteceu: “*Para mim esse lugar é sagrado, eu não venho a esse lugar sem estar vestida de azul. Eu acho muito bonito fazer essa festa aqui porque Madureira é o berço do samba*”. (Lúcia Helena Maria de Almeida, engenheira agrônoma – entrevistada) Lúcia atribui um significado muito simbólico à quadra da Portela. Diante disso, pode-se especular que o lugar, o território é ainda muito importante mesmo que o interesse seja despertado pelo ciberespaço e mesmo que as amizades tenham sido construídas em outro espaço que não seja o físico. Aqui pode-se retomar Castells quando diz que a tecnologia não induz o declínio de formas urbanas densas e não diminuiria a interação social localizada espacialmente. O lugar ainda é construído com a experiência de indivíduos que entram em relação com outros e é intensamente partilhado. Por isso, discorda-se de Bauman quando diz que a principal característica dos lugares públicos não civis é a dispensabilidade de interação. Como foi dito no capítulo IV, Marc Augé (1998) disserta sobre os “não-lugares”. Um “não-lugar” é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história. Segundo o que foi observado no dia da festa da Agenda e também de acordo com as entrevistas coletadas no local, não seria coerente considerar a quadra da Portela um “não-lugar”.

Já Michel Maffesoli (1998), admite que certos lugares produzem energia, identificação, um sentimento de pertença forte. O “gênio do lugar” é um sentimento coletivo que conforma um espaço. Para Maffesoli, são lugares de convívio protetor,

assim como demonstra o depoimento da entrevistada sobre a simbologia da quadra da Portela. O depoimento de Lúcia Helena sugere, segundo a teoria de Maffesoli, que existe a partilha de um mesmo território (seja ele real ou simbólico).

Pode-se dizer que o ciberespaço não substitui o espaço físico. A Internet se constitui como um outro espaço que parece ser considerado como um “espaço social”. Vive-se, então, segundo Costa (2004: p. 344), uma multiterritorialidade que é a possibilidade de acessar ou conectar diversos territórios, o que pode se dar tanto através de uma “mobilidade concreta”, no sentido de um deslocamento físico, quanto “virtual”, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas experiências espaço-temporais proporcionadas pelo ciberespaço.

Diante dessas entrevistas, pode-se dizer que o virtual extrapola para o físico no que diz respeito aos laços sociais, às amizades entre pessoas. O lugar, o encontro físico, de acordo com todos os entrevistados, tem importância significativa para se estabelecer um vínculo social. Por isso, a importância da festa de aniversário para os entrevistados. Aqui concorda-se com Rheingold – citado no capítulo III – quando afirma que a internet mais do que profundas transformações no jeito de escrever e ler, de falar e de ouvir, de produzir e receber informação; alterou e criou novas formas de sociabilidade. Segundo ele, é neste espaço de sociabilidade que diferentes pessoas impulsionadas por interesses diversos se fundem numa mesma unidade onde estes interesses se realizam. (RHEINGOLD, 1993).

Pode-se concordar também com Holtzman (1997: 31 apud MARCELO, 2001: p.84) quando diz que a troca de informação é um elemento importante na análise dos grupos sociais que se formam na rede, já que a troca de informação torna possível a interação entre os sujeitos. Esta relação de permuta traduz-se em uma ligação estreita

entre indivíduos e grupos que se comprometem, reciprocamente, à troca destas informações.

O esboço vislumbrado a partir das entrevistas exploratórias seguirá da análise dos e-mails da lista de discussão e do questionário de pesquisa enviados aos participantes da lista de discussão.

6.2- Análise: E-mails da lista de discussão Agenda do Samba e do Choro

A análise da lista de discussão Agenda do Samba e do Choro é o segundo instrumento de pesquisa utilizado neste trabalho. Os meses escolhidos para análise dos e-mails foram agosto, outubro e novembro. Como dito anteriormente, o mês de setembro foi excluído da análise por problemas técnicos apresentados na lista neste período.

Neste intervalo de tempo foram contabilizados 1627 e-mails. Para facilitar a análise e separar o que realmente seria relevante para o interesse da pesquisa, as mensagens foram divididas em categorias, tal como demonstrado abaixo:

Quadro 02: Distribuição dos e-mails por categorias

Categorias	Número de e-mails	Percentual de e-mails por categoria
Pessoal	388	23,8%
Social	525	32,3%
Samba e Choro	560	34,4%
Outros	154	9,5%
TOTAL	1627	100,0%

Dentro da categoria “Pessoal” estão os e-mails que apresentaram interesses particulares. Neles estão inseridos assuntos, tais como a troca de conhecimentos sobre

samba e choro, pedidos de ajuda para se conseguir letras de música e partituras, busca de professores particulares, de instrumentos musicais, dúvidas, enfim, perguntas sobre assuntos relacionados ao samba e ao choro. Na categoria “Social” estão reunidos os e-mails de conversas, discussões e relacionamentos sociais como um todo. Já a categoria “Samba e Choro”, constitui-se de mensagens de notícias sobre samba e choro, divulgação de shows e lançamentos de cd, livros e dvd’s. Os e-mails que estão inseridos na categoria “Outros” são aqueles que não se encaixaram em nenhuma das demais. São mensagens de comentários soltos, retificações, entre outros.

A análise se restringirá à categoria “Social”, visto que esta é a que mais interessa para os objetivos da pesquisa que é investigar se os participantes da lista – por trás da busca de informação sobre samba e choro – constroem amizades que, por vezes, podem se refletir no nosso “espaço físico”. Como dito acima, nesta categoria estão os e-mails de conversações, comentários sobre a festa de aniversário da Agenda e relacionamentos sociais em geral. Como mostrado no quadro acima foram contabilizadas 525 mensagens, o que representa 32,3% do total de e-mails. Com o objetivo de se vislumbrar um desenho deste universo, detalhou-se o conteúdo ainda mais e dividiu-se como segue abaixo:

Quadro 03: Distribuição percentual por sub-categoria

Categoria “Social”		
Sub-categorias	Número de e-mails	Percentual
Discussão	384	73,1%
Contatos sociais	109	20,8%
“Baixarias”	32	6,1%
TOTAL	525	100,0%

A sub-categoria “Discussão” compreende os e-mails que seriam o cerne da lista de discussão, pois neles estão as conversações polêmicas e os debates sobre samba e

choro. No entanto, esta sub-categoria não será analisada uma vez que não é relevante para o objetivo da pesquisa. Na sub-categoria “Contatos sociais” estão inseridas as mensagens dos tribuneiros para amigos, para pessoas que eles já consideram como sendo “próximas”, que já têm uma relação de intimidade. Nesta sub-categoria também são encontrados e-mails de comentários da festa de aniversário da Agenda e mensagens de boas-vindas. O item “baixarias” – que compreende insultos, implicâncias e indelicadezas - também será citado na análise porque acredita-se que este tipo de comportamento faz parte dos relacionamentos sociais como um todo.

Na análise dos e-mails da sub-categoria “Contatos Sociais” verificou-se vários e-mails de “boas-vindas”. Em seu conteúdo, percebeu-se menções claras às amizades originadas através da lista de discussão da Agenda. Pode-se comprovar tal afirmação por meio do e-mail enviado à lista por Daniel Brazil. Após dois meses afastado, o tribuneiro manda sua mensagem citando vários nomes – de participantes assíduos da lista - os quais parecia conhecer muito bem, até mesmo pessoalmente. Vale ressaltar que o autor da mensagem citada abaixo descreve referências concretas, do espaço físico e faz uma espécie de ligação com pessoas da lista e dicas dadas por estas. Após o envio da mensagem citada acima, mais quatro mensagens (de resposta) de boas-vindas foram verificadas.

Estou de volta à lista, depois de dois meses em Sorocaba. Uma das cidades mais pobres culturalmente que já conheci, apesar dos quase 600 mil habitantes. A rapaziada, quando quer ouvir boa música, teatro, dança, vai à vizinha Votorantim, pequenina mas agitada. É a Vila Madalena (ou Santa Tereza) da região. Felizmente, sempre se encontra algum porto para ancorar o esqueleto. Graças às dicas da Roberta Valente, conheci o Komilão, boteco onde se refugiam os últimos chorões, sambistas e seresteiros da cidade. O ar de decadente oculta personagens simpaticíssimas, como a grã-festeira Mazé, que se declarou fã desta Tribuna. Alô Fernando Toledo, avisa a turma que cheguei! Áurea, adorei o artigo do Jorge Goulart! Ó, Pimenta, cadê as novas resenhas? Iara, embaixatriz curitibana, vais pintar no pedaço? Valente Roberta, dando

no couro? Inesquecível aquele queijo & vinho no chatô da Ione! Ó rábula de Ribeirão, o candidato do Palocci fez forfait? Bruno, muito legal o sítio dos botequins campineiros! Grande Helion, o verdadeiro geógrafo do samba! Grão-mestre Cavalcanti, o sábio do Planalto! Zé Geri, o samba continua rolando na Barra Funda? Vou pintar por aí, aguarde! (Daniel Brazil, 04 de outubro de 2004. Título do e-mail: De volta!).

De acordo com o e-mail citado acima, podemos retomar Giddens (1991) quando afirma que o sentimento de pertença – elemento fundamental da formação da comunidade – desencaixa-se do local e reforça a idéia de que as pessoas podem ter todo o tipo de experiência comunitária, independentemente de viverem próximas umas das outras. O que não implica na substituição de um tipo de relação (de proximidade), por outro (à distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas. No e-mail do tribuneiro Daniel fica clara esta relação entre *on-line* e *off-line*.

Rheingold (1996) destaca a ausência do sentimento de comunidade como uma das causas para o surgimento das comunidades virtuais. Segundo o autor, as práticas comunicativas ligadas às novas tecnologias de comunicação deram uma nova dinâmica ao ressurgimento dos ideais comunitários. Ainda segundo ele, hoje acredita-se que as comunidades virtuais tem um papel fundamental na integração da sociedade contemporânea. As pessoas resgatam nestas comunidades virtuais sentimentos que se perderam diante da complexidade social na qual estão inseridas. Além disso, ainda segundo a teoria de Rheingold (1996), pode-se dizer que a Tribuna do Samba e do Choro é um agregado social onde se formam teias de relações pessoais no ciberespaço, e que por vezes se transportam para o físico. A troca de informações sobre samba e choro, mediada por dispositivos informáticos, pode estabelecer interações sociais concretas, até mesmo aquelas que não podem se dar face a face.

Também podemos dizer que a Tribuna constitui-se como um lugar onde os indivíduos entram em relação com “outros”. Este “território” – da contemporaneidade – não é concreto, mas tem significado e é composto por laços sociais. Nesse lugar, o indivíduo se inscreve territorialmente devido à sua fala, ao seu modo de se colocar. De acordo com Rheingold, o sentido de lugar requer um ato de imaginação.

No final do mês de outubro, começaram a aparecer mensagens sobre organização da festa de aniversário da Agenda. Alguns convites entre membros da lista para estar presente no evento também foram visualizados.

Estou me programando para ir na festa do site samba-choro aí em Sampa dia 14 de novembro? Quem vai tocar e cantar lá? Ano passado até a Beth e o Luis Carlos da Vila apareceram e este ano? Quais serão as atrações? Valeu! (Eduardo Martins, 21 de outubro de 2004. Título de e-mail: Festa da Tribuna em Sampa???)

Aê Daniel, em Sampa eu estou na parada, não vá furar heim o catso!!! Seguinte, eu e o Toledo estamos marcando uma ponta lá no Pirajá por volta das 13, 14 horas, antes da Festa da Agenda, se der aparece lá. Valeu! Eduardo Martins.(09 de novembro, título do e-mail: Fotos da Festa)

Resposta: E alguma vez eu furei em Sampa? (he he!) Você vai chegar no dia ou na véspera? Estamos contando com várias visitas ilustres, de todos os pontos do Planeta Samba. Até Iaiá de Curitiba vem pra gandaia! Daniel Brazil (09 de novembro, título do e-mail: Fotos da Festa)

Segundo o e-mail de Ana Paula, uma das participantes da lista, as festas podem ser uma oportunidade para conhecer alguns dos membros da lista:

(...) as festas podem ser uma oportunidade para conhecer alguns dos nossos interlocutores ou, no meu caso, conhecer aquelas pessoas quietinhas... mas que acompanham as conversas e agradecem pela indicação de alguns trabalhos, textos e indicações musicais sobre samba e principalmente choro! (Ana Paula, 10 de novembro de 2004. Título do e-mail: Festa do Rio X Festa de São Paulo).

Semanas antes das Festas de aniversário da Agenda, realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, e-mails para organização de vans e instruções para como se chegar nos locais da festa também foram verificados. O “ponta-pé” inicial foi dado pelo administrador da lista, Paulo Eduardo Neves:

(...) Não sei se conseguirei organizar um esquema de ficarem vans indo e voltando de algum ponto específico. Será que alguém aqui não estaria disposto a organizar uma van para o pessoal da Tribuna? O trabalho é conferir os nomes, receber o dinheiro adiantado, marcar um lugar, etc. Algum voluntário? Se o pessoal da Tribuna quiser aproveitar para se encontrar lá, posso até reservar uma mesa para a turma se conhecer (precisamos voltar a fazer encontros no mundo real) (...) (Paulo Eduardo Neves, 26 de outubro de 2004. Título do e-mail: Vans para a festa da Agenda)

A partir dos relatos da lista sobre a festa, pode-se dizer que os tribuneiros, a partir de discussões virtuais sobre samba e choro, sentem necessidade de vivenciar a música, de uma aproximação local com os amigos feitos na Tribuna. Concorde-se com Wellman, quando este afirma que as comunidades de grupo funcionam tanto *on-line* quanto *off-line*. E ainda de acordo com o autor, a Internet é mais uma alternativa para se criar e manter redes sociais.

Após a realização das festas de aniversário, a lista ficou repleta de comentários sobre as mesmas. Alguns muito extensos com detalhes minuciosos de cada momento do evento. Percebeu-se, por meio destes e-mails, que os encontros físicos são muito importantes para o convívio social do grupo.

(...) Por fim, foi uma alegria encontrar o monte de gente que apareceu por lá, de todos os lugares: a Roberta Valente vindo de Sampa, que milagrosamente conseguiu não tocar, a Carmen, o Mário Tarcitano, que levou pinga de Andrelândia fenomenal (essa o Toledo perdeu! Bicha! Bicha! Bicha!), o Fred Bittencourt reclamando que a cerveja acabou, o Liberal trazendo povo de Brasília (nem sinal da Sônia, do Caio ou da Carla – que houve,

gente?), o Anildo, do CIMPLES lá do Paraná (Iaiá, bem que você podia ter dado um jeito de vir com ele), e mais uma maioria silenciosa que lê mas nunca vi escrever aqui) bração do Pimenta. (Eduardo Pimenta, 08 de novembro de 2004. Título do e-mail: Festa da Agenda)

(...) Só a quadra da Azul e Branco de Oswaldo Cruz para receber tantas pessoas amantes do samba & choro, e de uma maneira tão confortável, mesmo com a chuva. Mas o evento deixou um gostinho de “quero mais”. E o que é melhor: isso pode ser resolvido, já que no domingo tem mais, lá na terra da garoa. (Fernando Peixoto, 08 de novembro de 2004. Título do e-mail: Festa da Agenda em São Paulo – “Bonde” do Rio)

Nem sei se consigo descrever minha emoção sábado na Meirinha. Finalmente conhecer a Iara, rever a queridíssima Carmen, o Daniel Brazil, Fernando Toledo, a Áurea, a Régia, o grande Paulo Eduardo Neves, o Fernando Szegeri e a Ione, essa figura que transborda simpatia por todos os poros e que me recebeu com “Menino Deus” do PC Pinheiro/Mauro Duarte, adorei o lugar, o clima, tem o despojamento necessário ao bom samba. E não bastasse tudo isso, eis que surgem Tia Surica e Seo Jair do Cavaquinho trazidos pela Carmem. Os dois nos brincaram com vários sambas, foi simplesmente maravilhoso. Fiquei conversando com a Tia Surica, falei que toco muito CD dela no meu programa (...) Mas confesso que quando ela cantou “Pintura sem arte” eu fiquei arrepiado, arrepiado mesmo e dei um grito pro Toledo ouvir: “PUTA QUE PARIU, EU VOU TER UM TRECO”¹⁵, há, há, há, há, há, há, há, que noite maravilhosa.... Obrigado Ione, foi inesquecível. Beijos mil. Valeu! Eduardo Martins. (15 de novembro de 2004. Título do e-mail: Sábado na Meirinha)

Várias outras pessoas escreveram para a lista manifestando elogios às festas e também declarando ter conhecido muitas pessoas com quem teclavam há anos. *“Finalmente conheci o Pimenta, com quem há anos troco e-mails aqui pela página e até já tinha falado no telefone. Espero que possamos encontrar outro dia com mais calma”*. (Paulo Eduardo Neves, 08 de novembro. Título do e-mail: Festa da Agenda).

¹⁵ Optou-se neste trabalho por citar, na íntegra, as falas dos participantes da lista de discussão mesmo que contenham palavras grosseiras e/ou obscenas; inclusive mantendo-se as letras em caixa alta, assim como no original.

Fotos das duas festas também foram divulgadas na lista e no site da Agenda do Samba e do Choro. (Ver anexo 9.3)

Segundo Maia (2003), a idéia de comunidade mesmo que forjada revela o desejo de se compartilhar espaços. Não desejamos espaços esvaziados de gente e de sentido. Ainda existem espaços repletos de gente, espaços de celebração: a avenida, o carnaval, a praia, o estádio em dia de jogo de futebol. Assim como foram as festas de aniversário da Agenda, cujo simbolismo do lugar – quadra da Portela – é intensamente compartilhado. A festa do Rio de Janeiro, por exemplo, (mediante observação em loco) congregou pessoas a partir de um interesse comum, estavam presentes ali com base em um sentimento de pertencimento e de aconchego.

Conversações de caráter bem íntimo e descontraído – é claro que nem todas possuem esta característica - também foram constatadas na lista.

Valeu, Mário, pela bela dica! Quanto à festa em Sampa, a Araci também vai? (Fernando Peixoto. 09 de novembro de 2004. Título do e-mail: Da Marginalidade ao Estrelato).

Resposta: Vai nada!! Terminei com a Araci. Agora estou de caso com uma branquinha lá de Andrelândia :-). Se você estiver por lá, te apresento. O Fernando Toledo está louco pra te conhecer. (Mário. 10 de novembro de 2004. Título do e-mail: Re: Da Marginalidade ao Estrelato)

Os contatos extrapolados para o físico parecem não acontecer somente nas Festas anuais da Tribuna do Samba e do Choro. Uma das participantes, durante o período analisado, saiu do Rio de Janeiro para Brasília (à trabalho) e lá conheceu outros dois membros da lista.

Olá pessoas. Passei a última semana em Brasília trabalhando. Mas nem só de trabalho vivem os humanos né?! Finalmente pude conhecer a Sônia e o Caio Tibúrcio! Assistimos no Clube do Choro o show do Hermínio Belo de Carvalho (...)Fui muito paparicada por Sônia e Caio e conheci muita gente bacana!

Depois, como ninguém é de ferro, eu e Sônia fomos ao Plano B no setor de clubes sul e o samba rolou até às 4h da manhã!!! Muito bom mesmo! Me acabei! (...) Valeu Sônia, valeu Caio! (Lúcia Helena. 16 de novembro de 2004. Título do e-mail Brasília, terra de bambas!!!)

Para Holtzman (1997: 31 apud MARCELO, 2001: p. 84), a troca de informação é um elemento importante na análise dos grupos sociais que se formam na rede já que esta troca torna possível a interação entre os sujeitos. Esta relação de troca traduz-se em uma ligação estreita entre indivíduos e grupos que se comprometem, reciprocamente, à troca destas informações. *“Quanto mais ligações estabelecem, mais informações serão transmitidas, logo mais próximos estarão uns com os outros, o mesmo se passando na razão inversa”*. (FLUSSER, 1998: p. 25 apud MARCELO, 2001: p. 86). De acordo com os e-mails da lista, a troca de informação é a base que sustenta toda a Tribuna, as relações sociais, as discussões e até mesmo as brigas surgidas naquele ambiente.

À título de informação, no período em questão, foram verificadas implicâncias, brigas com direito à insultos e indelicadezas. Muitas delas foram causadas por opiniões bastante divergentes, entre os tribuneiros, durante as discussões sobre música. Algumas discordâncias – as primeiras aparecerem no período analisado - foram iniciadas a partir da competição gerada por quem entende mais de música. Até mesmo erros de escrita foram utilizados como pretexto para implicância com outro membro da lista: *“Pô se neguinho não consegue entender o que eu e outros escrevem, fique quieto, tente aprender, ou vá estudar”*. (Daniel Brazil. 22 de outubro de 2004. Título do e-mail: A Tribuna de Todos). No total, foram mais de dez e-mails acerca da discussão sobre o assunto.

Na lista ocorreram também, durante os meses analisados, brigas tão intensas que levaram à suspensão definitiva de vários membros. Um dos protagonistas é Fernando

Toledo, um dos participantes mais assíduos e também mais polêmicos da lista. A discussão que gerou as brigas também foi originada a partir de debates sobre o samba e o choro. As mensagens contendo palavras de baixo calão foram enviadas em particular para Fernando Toledo, mas o tribuneiro não hesitou em torná-las públicas, enviando-as para a Tribuna.

Observem como certos cidadãos são civilizados.

De: Mário Duarte

Para: Fernando Toledo

Assunto: Papagaiando Luiz Carlos da Vila (Melhor sambista da atualidade)

Já vi que tu deves ser uma dessas MOÇOILAS nervosinhas que se acham. Ae, VAI TOMAR NO CU!!! Acho que é isso que queres. Vai se fuder ô babacão otário e pederasto. E se não gostou, FODA-SE! (11 de novembro de 2004)

De: Fernando Toledo

Para: Mário Duarte

Assunto: Papagaiando Luiz Carlos da Vila (Melhor sambista da atualidade)

Oh, bicho, só não lhe mando à merda porque seria gastar boa vela com defunto vagabundo, que não vale a terra com que é coberto, como diria meu amigo Júlio Cardoso. Onde você pode pensar que tem o direito de pedir que eu guarde alguma coisa minha para mim? Um bunda-mole desses? Ah, não ferra! Fernando Toledo, sem paciência com idiotas.

As brigas se esticaram por dias e o administrador da lista, Paulo Eduardo Neves, suspendeu quatro membros envolvidos com as baixarias. De acordo com o e-mail de suspensão, os participantes poderiam voltar a participar quando estivessem mais calmos: “(...) quem quiser voltar a ter o direito de postar com boa educação, que me mande um e-mail daqui a um mês quando estiver com a cabeça fria, que eu libero de novo”. (Paulo Eduardo Neves. 16 de novembro de 2004. Título do e-mail: Suspensões). Várias mensagens de apoio à atitude do administrador e também de desaprovação foram

enviadas à lista. Paulo Neves manteve sua decisão e não voltou atrás. Os participantes não retornaram à Tribuna.

Aqui pode-se retomar Filho (1998 p. 4-5) quando admite que a internet não é apenas “acesso a informações” socialmente neutras, mas também ordem, persuasão e consenso, afirmação, aliança, desafio, contestação, ofensa, solicitação, punição, acordo, autorização, crime, sexo, defesa, promessa, compromisso, desculpa, entre outros. Na Tribuna do Samba e do Choro quase todos os itens descritos pelo autor se apresentaram nos e-mails do período estudado. Assim como na nossa “vida real” existem limitações de comportamento quando estamos em locais coletivos. Desta forma, podemos identificar similaridades entre o *on-line* e o *off-line*. Como afirma Filho (1998: p 4-5), a Internet pode ser considerada um lugar público de encontro e oferece condições de formação de laços sociais de uma sociabilidade específica, o que se denomina “comunidades virtuais”: “*pessoas que se conhecem e se relacionam na e pela rede, submetidas às suas regras, suas possibilidades e restrições*”. (FILHO, 1998).

6.3- Análise: Questionário

O terceiro instrumento de pesquisa deste trabalho compreende o envio de questionário para a lista de discussão “Agenda do Samba e do Choro”. Os questionários foram enviados em 11/01/2005. O programa estatístico utilizado para arquivo e análise dos resultados foi o *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) - versão 8.0. Foram 54 questionários respondidos em um total de 446 enviados após vários reenvios com o intuito de reforçar o pedido de colaboração para todos os tribuneiros. As análises foram feitas por meio de estatísticas descritivas e em alguns momentos agregando-se respostas, levando em consideração a alta taxa de não-respostas pela Internet (87,9% de

não respondidos). O questionário é resumido, simples, de fácil compreensão e não ultrapassou duas páginas (Ver anexo 9.2). Ele foi dividido em três partes: a primeira foi a “Identificação” em que foi perguntado: profissão, sexo, estado civil, escolaridade, cor ou raça, idade e cidade e estado onde o respondente reside. A segunda parte foi elaborada para se pesquisar o “Perfil” dos tribuneiros. As perguntas foram: há quanto tempo você utiliza a internet?; qual o tipo de acesso utilizado (banda larga ou discado); local de acesso à internet (casa ou/e trabalho), entre outros. Já na última parte, concentraram-se as seis perguntas com a aplicação da Escala de Likert – já mencionada na metodologia deste trabalho.

Voltando a primeira parte do questionário, a análise mostrou que os tipos de profissão se encontraram muito pulverizados. As mais freqüentes foram músico (6) e estudante (4). A maioria dos respondentes da lista é do sexo masculino (74,1%) e o sexo feminino teve um percentual de 25,9%. A maioria dos entrevistados é solteiro, 63% do total. Verificou-se também que a escolaridade dos tribuneiros é bastante alta; 61,2% representa o somatório de pessoas com o superior completo, especialização, mestrado e doutorado. Observa-se também no quadro 04 a ausência de escolaridade abaixo do ensino médio completo. No quadro 04 apresenta-se a distribuição percentual dos respondentes por nível de escolaridade em detalhes.

Quadro 04: Distribuição percentual dos respondentes por nível de escolaridade

Nível de escolaridade	Percentual
Médio completo	9,3%
Superior incompleto	29,6%
Superior completo	29,6%
Especialista	13%
Mestrado	9,3%
Doutorado	9,3%

Quanto à raça, 68,5% dos respondentes são brancos, 14,8% negros e 13% pardos e 3,7% dos entrevistados responderam que não são de nenhuma das raças citadas anteriormente. Por meio da aplicação dos questionários, foi observado que a lista Agenda do Samba e do Choro possui um público jovem: 61,1% dos tribuneiros têm entre 15 e 34 anos. A porcentagem da faixa etária de 35 a 64 foi de 38,9%. São Paulo e Rio de Janeiro foram os estados que mais possuem participantes, com 33,3% e 22,2%, respectivamente. Quatro respondentes moram no exterior (Canadá, EUA, Argentina e França).

Quando perguntados sobre quanto tempo acessam à Internet, a maioria dos entrevistados respondeu ter mais de 7 anos de acesso à rede, obtendo-se uma média de 7,7 anos. O tipo de conexão à Internet mais utilizado foi a banda larga, com 77,8%; 11,1% utilizam o acesso discado e 11,1% os dois modos de acesso. A maioria dos respondentes se conectam à rede de dois lugares, de casa e do trabalho, num total de 51,9%. Quanto ao tempo de navegação, a média foi de 177,94 minutos, o que equivale aproximadamente a 3 horas diárias. Os tribuneiros ficam, em média, 82,70 minutos ou 1 hora e 22,7 minutos lendo e respondendo e-mails.

A média de tempo de participação na lista foi de 2 anos e meio e os motivos que levaram os tribuneiros a participarem da Tribuna foram principalmente a busca de informações/ atualização sobre samba e choro e o aprendizado sobre as duas modalidades de música brasileira¹⁶. Quanto à frequência de conexão para conferência dos e-mails da lista, quase todos os tribuneiros responderam que verificam diariamente as mensagens da Tribuna. A maioria dos entrevistados participa de outras comunidades (59,3%) e 40,7% não participam de nenhuma comunidade. Entre os entrevistados que

¹⁶ Para se investigar quais os motivos que levaram os tribuneiros a participarem da lista, foi realizada uma análise de contexto das respostas, uma vez que estas se encontravam “abertas” no questionário.

participam, o Orkut esteve como o mais freqüente quando se pediu para especificar o tipo de comunidade.

Para auxiliar na investigação da hipótese do trabalho - que é descobrir se a Internet é capaz de produzir laços sociais e se estes podem extrapolar para o espaço físico - foi formulado o conceito de “contatos novos”¹⁷, a fim de orientar os tribuneiros no questionário. 43 (79,6%) dos entrevistados fizeram contatos novos; 11 (20,4%) não fizeram. Desses 43 entrevistados, 15 conhecem pessoalmente e 28 não conhecem pessoalmente. A média de contatos novos na lista ficou em 7,39. Vale ressaltar que um tribuneiro, por ser produtor cultural, apresentou um número acima do normal, 80 contatos novos. Este dado foi considerado discrepante (*outlier*) e não fez parte do cálculo da média. Já a média de contatos novos na internet foi de 30,45. Quando questionados sobre quantos contatos novos da lista conheciam pessoalmente, a média foi de 4,37. Dentre os que não conheceram ninguém pessoalmente, os motivos mais freqüentes são “por falta de oportunidade” e “distância geográfica”, perfazendo um total de 71%.

Quadro 05: Distribuição percentual dos motivos que levaram os respondentes a não conhecer ninguém pessoalmente apesar terem feito contatos novos na Internet

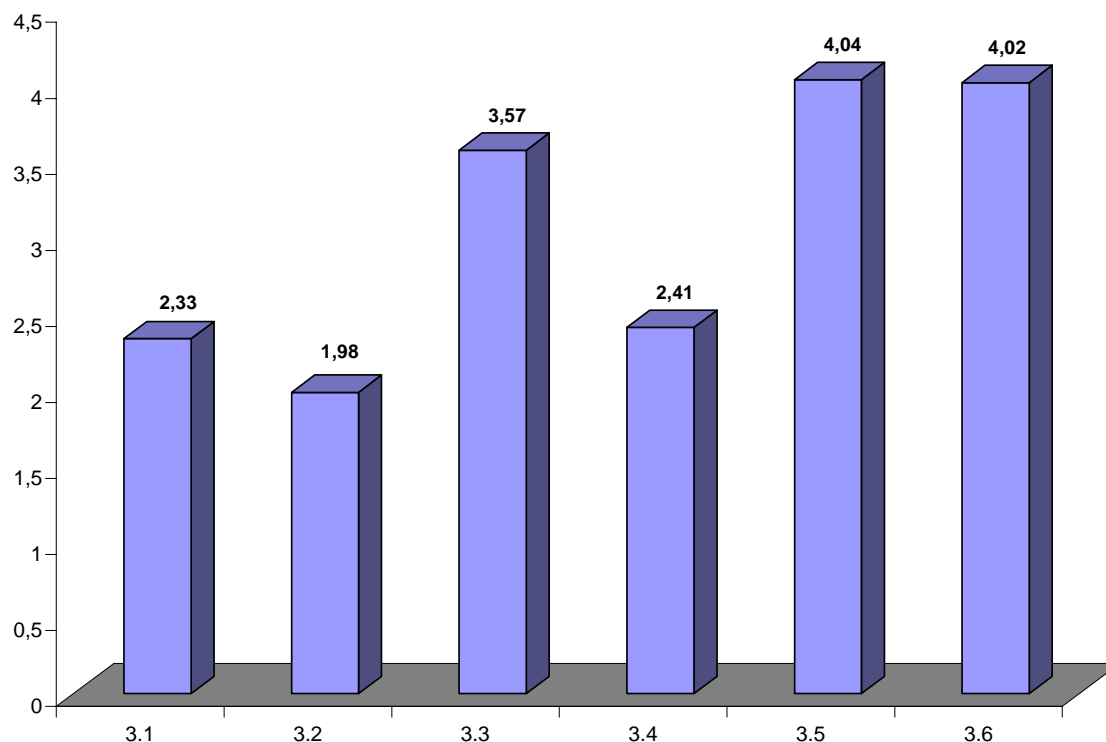
Se não conhece pessoalmente. Por que?	Porcentagem¹⁸
Falta de interesse	9,7%
Falta de oportunidade	38,7%
Falta de recursos financeiros	6,5%
Falta de tempo	6,5%
Distância geográfica	32,3%
Outros	6,5%

¹⁷ Contatos novos: “Contatos que venham a ser incorporados em algum tipo de relacionamento social, tais como: troca de informações, correspondências, etc. com alguma freqüência, de modo virtual e/ou presencial”.

¹⁸ O somatório dos percentuais é igual a 100,2%, uma vez que utiliza-se apenas uma casa decimal para efetuar um arredondamento. Quando se trabalha com todas as casas decimais, o somatório dos percentuais é igual a 100%.

Uma das oportunidades de se conhecer membros da lista, são as festas anuais realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo. No questionário perguntou-se quem participou ou não destes dois eventos. As respostas foram as seguintes: no Rio de Janeiro, 68,5% não compareceram à festa de aniversário e 18,5% foram à quadra da Portela participar do evento. Apesar da alta porcentagem de ausentes, deve-se salientar que o principal impedimento do não comparecimento dos tribuneiros foi devido à distância geográfica e algumas vezes por compromissos profissionais previamente agendados. O mesmo cenário se repetiu na festa da Agenda de São Paulo: 68,5% dos entrevistados não compareceram e 16,7% estiveram presentes. O motivo da ausência mais freqüente também foi a distância geográfica. Deve ressaltar que apesar do índice elevado de ausentes entre os respondentes do questionário, as duas festas – no Rio de Janeiro e em São Paulo – contaram com um público considerável. Na observação em loco na festa do Rio de Janeiro, notou-se que além dos tribuneiros, também havia muitas pessoas que eram assinantes do Informativo da Agenda e por isso, também sabiam que a festa seria realizada.

As análises que se seguem agora são das questões afirmativas (3.1 à 3.6) do questionário, com a aplicação da Escala de Likert para estabelecer o nível de concordância em relação às afirmações apresentadas.

Gráfico 01: Nível de concordância relativo às questões 3.1 a 3.6**Legenda:**

3.1: Depois da minha participação na lista “Agenda do Samba e do Choro” os meus relacionamentos sociais, fora da lista, aumentaram.

3.2: Depois da minha participação na lista “Agenda do Samba e do Choro” os meus relacionamentos sociais aumentaram somente com os participantes da lista.

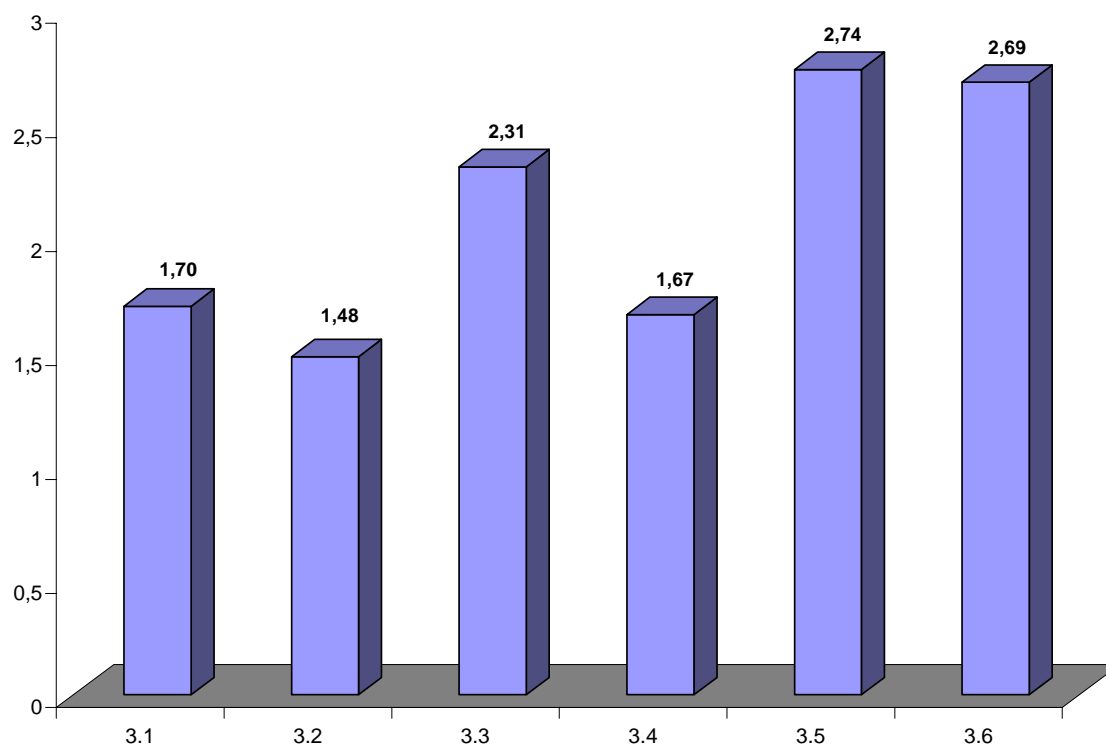
3.3: A participação na lista em nada alterou os meus relacionamentos sociais.

3.4: São dispensáveis os encontros físicos para reforçar os laços sociais construídos na internet.

3.5: A internet é um espaço para a manutenção das relações sociais.

3.6: Existe necessidade de encontros físicos para reforçar os laços sociais

Discordo totalmente: 1; Discordo parcialmente: 2; Não concordo nem discordo: 3; Concordo parcialmente: 4 e Concordo totalmente: 5.

Gráfico 02: Nível de concordância relativo às questões 3.1 a 3.6**Legenda:**

3.1: Depois da minha participação na lista “Agenda do Samba e do Choro” os meus relacionamentos sociais, fora da lista, aumentaram.

3.2: Depois da minha participação na lista “Agenda do Samba e do Choro” os meus relacionamentos sociais aumentaram somente com os participantes da lista.

3.3: A participação na lista em nada alterou os meus relacionamentos sociais.

3.4: São dispensáveis os encontros físicos para reforçar os laços sociais construídos na internet.

3.5: A internet é um espaço para a manutenção das relações sociais.

3.6: Existe necessidade de encontros físicos para reforçar os laços sociais

Discordo: 1 Não concordo nem discordo: 2 Concordo: 3

No gráfico 02 acima, devido ao reduzido tamanho da amostra (54 questionários), estabeleceu-se as escalas em “concordo” como 3 (concordo parcialmente + concordo totalmente), “não concordo nem discordo” como 2 e “discordo” como 1 (discordo parcialmente + discordo totalmente). Verifica-se, a partir do gráfico, que nas questões 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4 a média das respostas está mais próxima do “não concordo nem

discordo” do que do “discordo”. Já as questões 3.5 e 3.6 estão mais próximas do “concordo”.

Na questão 3.1 (Depois da minha participação na lista meus relacionamentos sociais, fora da lista, aumentaram) a média foi 2,33 o que quer dizer que está entre “discordo parcialmente” e “não concordo e nem discordo”. Quando a questão é “cruzada” com o tempo de participação na lista, percebe-se que os entrevistados com menos de 1 ano de participação, 3,8% concordaram parcialmente e 3,8% concordaram totalmente. Observou-se um aumento na concordância quando se elevou o número de anos de participação na lista, como pode ser visualizado no quadro 06.

Quadro 06: Distribuição percentual do nível de concordância da questão 3.1 por tempo de participação na lista

Tempo de participação na lista	Questão 3.1: Depois da minha participação na lista meus relacionamentos sociais, fora da lista, aumentaram				
	Discordo totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Menos de 1 ano	50%	15,4%	26,9%	3,8%	3,8%
De 1 a 3 anos	41,2%	5,9%	23,5%	17,6%	11,8%
Mais de 3 anos	36,4%	0,0%	9,1%	45,5%	9,1%

Quadro 07: Distribuição percentual do tempo de participação dos respondentes na lista “Agenda do Samba e do Choro”

Tempo de participação	Porcentagem
Menos de 1 ano	48,1%
De 1 a 3 anos	31,5%
Mais de 3 anos	20,4%

Conforme apresentado no quadro 06, pode-se dizer que os membros mais antigos da lista têm uma maior concordância diante da questão 3.1. Assim, podemos

presumir, que o elemento tempo é indispensável para que os laços sociais possam ser fortalecidos. Para este grupo mais antigo, os relacionamentos construídos na lista podem passar para o espaço físico depois de um tempo maior de participação.

Nesta mesma perspectiva, a questão 3.2, (Depois da minha participação na lista os meus relacionamentos aumentaram somente com os participantes da lista) teve média de 1,98, o que significa que está entre o “discordo totalmente” e “discordo parcialmente”. Quando cruzada com o tempo de participação, observou-se que os membros novos e antigos discordam da questão. Pode-se verificar também que nenhum dos três grupos concordam totalmente com a questão.

Quadro 08: Distribuição percentual do nível de concordância da questão 3.2 por tempo de participação na lista

Tempo de participação na lista	Questão 3.2: Depois da minha participação na lista os meus relacionamentos aumentaram somente com os participantes da lista				
	Discordo totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Menos de 1 ano	50%	15,4%	30,8%	3,8%	0,0%
De 1 a 3 anos	64,7%	11,8%	5,9%	11,8%	5,9%
Mais de 3 anos	36,4%	9,1%	27,3%	27,3%	0,0%

Os resultados sugerem que os relacionamentos parecem não se restringir ao virtual, daí a alta porcentagem de discordância frente à esta questão, ressaltando a importância do espaço físico como complemento para estes relacionamentos originados na Internet.

Na questão 3.3 (A participação na lista em nada alterou os meus relacionamentos sociais), a média foi de 3,57 e está mais próximo do “concordo parcialmente”. Quando

esta questão foi cruzada com o tempo de participação na lista, nota-se – de acordo com o quadro 09 – que quando o entrevistado possui menos de 1 ano de participação na lista, a porcentagem de concordância é de 73,1%, à medida que este tempo aumenta, a porcentagem de concordância diminui para 53% e 27,3% para os tempos de 1 a 3 anos e mais de 3 anos, respectivamente. Isso sugere que quanto maior o tempo de participação na lista, mais os relacionamentos sociais podem ser influenciados por esta participação.

As respostas parecem reconhecer que o ciberespaço trouxe-nos uma nova forma de nos comunicar uns com os outros. Ao participar da lista de discussão da Agenda, as repostas parecem sugerir que este meio altera, de alguma forma, os relacionamentos sociais dos indivíduos.

Quadro 09: Distribuição percentual do nível de concordância da questão 3.3 por tempo de participação na lista

Tempo de participação na lista	Questão 3.3: A participação na lista em nada alterou os meus relacionamentos sociais				
	Discordo totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Menos de 1 ano	0%	7,7%	19,2%	23,1%	50%
De 1 a 3 anos	29,4%	11,8%	5,9%	5,9%	47,1%
Mais de 3 anos	27,3%	18,2%	27,3%	18,2%	9,1%

Já a questão 3.4 (São dispensáveis os encontros físicos para reforçar os laços sociais construídos na Internet), a média encontrada foi de 2,40, ficando entre “discordo parcialmente” e “não concordo e nem discordo”. A questão 3.4 quando foi cruzada com o tempo de participação na lista, obteve-se os seguintes resultados:

Quadro 10: Distribuição percentual do nível de concordância da questão 3.4 por tempo de participação na lista

Tempo de participação na lista	Questão 3.4: São dispensáveis os encontros físicos para reforçar os laços sociais construídos na Internet				
	Discordo totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Menos de 1 ano	38,5%	15,4%	26,9%	7,7%	11,5%
De 1 a 3 anos	29,4%	29,4%	5,9%	29,4%	5,9%
Mais de 3 anos	27,3%	45,5%	0%	27,3%	0%

Pode-se notar que à proporção que aumenta o tempo de participação na Tribuna, aumenta também a discordância em relação à não necessidade de encontros físicos para reforçar laços sociais construídos na Internet: 53,9%, 58,8% e 72,8% para entrevistados com menos de 1 ano, de 1 a 3 anos e mais de 3 anos de participação, respectivamente. No que se refere aos participantes ou não de outras comunidades, – conforme o quadro 11 – observa-se também uma porcentagem de discordância de 62,5% e 54,5% para os participantes e não participantes, respectivamente. Ou seja, mesmo para aqueles que só participam da Agenda a porcentagem ficou próxima daqueles que participam de outras comunidades. Faz-se necessário ressaltar que entre os mais jovens da lista a porcentagem de “não concordo e nem discordo” foi de 26,9% e entre os mais antigos foi 0%, o que sugere que à medida que aumenta o tempo de participação, o posicionamento em relação à necessidade de encontros físicos parece ser mais evidente.

Quadro 11: Distribuição percentual do nível de concordância da questão 3.4 segundo a participação ou não em outras comunidades

Você participa de outras comunidades	Questão 3.4: São dispensáveis os encontros físicos para reforçar os laços sociais construídos na Internet				
	Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Sim	28,1%	34,4%	15,6%	15,6%	6,3%
Não	40,9%	13,6%	13,6%	22,7%	9,1%

Na questão 3.5 (A Internet é um espaço para manutenção das relações sociais), a média na escala foi de 4,3 que está entre “concordo parcialmente” e “concordo totalmente”. Quando esta questão foi cruzada com a participação em outras comunidades, observou-se que 75,1% dos que participam de outras comunidades concordam que a Internet é um espaço para a manutenção das relações sociais, enquanto que a porcentagem para aqueles que não participam de outras comunidades é de 86,4% e as porcentagens de discordância parcial foram de 6,3% e 4,5%. Vale salientar que nenhum dos dois grupos de respondentes discordaram totalmente da questão.

Quadro 12: Distribuição percentual do nível de concordância da questão 3.5 segundo a participação ou não em outras comunidades

Você participa de outras comunidades	Questão 3.5: A Internet é um espaço para manutenção das relações sociais			
	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Sim	6,3%	18,8%	43,8%	31,3%
Não	4,5%	9,1%	59,1%	27,3%

Em relação ao tempo de participação observa-se que à medida que o tempo aumenta, a porcentagem de concordância também aumenta, variando de 73,1% a 90,9%,

continuando a porcentagem maior de “não concordo nem discordo” para o grupo de entrevistados com menos de 1 ano de participação, conforme o quadro 13:

Quadro 13: Distribuição percentual do nível de concordância da questão 3.5 por tempo de participação na lista

Tempo de participação na lista	Questão 3.5: A Internet é um espaço para manutenção das relações sociais			
	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Menos de 1 ano	3,8%	23,1%	42,3%	30,8%
De 1 a 3 anos	5,9%	11,8%	52,9%	29,4%
Mais de 3 anos	9,1%	0,0%	63,6%	27,3%

A última questão – 3.6 – (Existe necessidade de encontros físicos para reforçar laços sociais) obteve média 4,02 na escala e ficou entre “concordo parcialmente” e “concordo totalmente”. Esta questão foi elaborada, propositalmente, para confirmar a pergunta 3.4 (São dispensáveis os encontros físicos para reforçar os laços sociais construídos na internet), uma vez que estas duas são essenciais como indicadores das hipóteses do trabalho. Como será verificado na análise abaixo, os resultados da questão 3.4 se encontram coerentes com os da pergunta 3.6.

No que se refere ao cruzamento com a participação em outras comunidades notou-se que as porcentagens de concordância foram 75% e 86,4% para os participantes e não participantes de outras comunidades, respectivamente.

Quadro 14: Distribuição percentual do nível de concordância da questão 3.6 segundo a participação ou não em outras comunidades

Você participa de outras comunidades	Questão 3.6: Existe necessidade de encontros físicos para reforçar laços sociais				
	Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Sim	6,3%	6,3%	12,5%	40,6%	34,4%
Não	4,5%	4,5%	4,5%	40,9%	45,5%

Em relação ao tempo de participação na lista, a porcentagem de concordância ficou entre 76,6% e 81,8%. Observou-se que à medida que o tempo de participação aumenta, é confirmado o posicionamento em relação às questões da necessidade de encontros físicos para reforçar os laços sociais. Vale destacar que obteve-se 0% de respostas para “não concordo e nem discordo” para os respondentes com mais de 3 anos de participação, como pode ser verificado na tabela que se segue, em que as respostas foram agregadas:

Quadro 15: Distribuição percentual do nível de concordância da questão 3.6 por tempo de participação na lista

Tempo de participação na lista	Questão 3.6: Existe necessidade de encontros físicos para reforçar laços sociais				
	Discordo totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Menos de 1 ano	3,8%	0,0%	15,4%	38,5%	42,3%
De 1 a 3 anos	5,9%	11,8%	5,9%	41,2%	35,3%
Mais de 3 anos	9,1%	9,1%	0,0%	45,5%	36,4%

7- Conclusão

As tecnologias de comunicação modificaram a forma como nos relacionamos socialmente. A internet acentuou esse processo, possibilitando a facilitação de contatos sociais. As comunidades virtuais surgiram e se mostraram importantes para a formação da sociabilidade contemporânea, sendo consideradas como um suporte para a constituição e para a manutenção das relações sociais.

Os resultados apresentados parecem indicar que na Internet, a interação assíncrona, aquela encontrada em *newsgroups* e listas de discussão, pode sair da tela e refletir-se no mundo físico. Percebe-se que na sociabilidade da Tribuna da “Agenda do Samba e do Choro” acontece um desencaixe entre localização e pertencimento, em que este é sempre um pertencimento à distância, já que a territorialidade das comunidades é simbólica. Isto pôde ser observado na questão 2.13 que pede para especificar o motivo da ausência nas festas de aniversário realizadas no Rio de Janeiro -RJ e São Paulo-SP. A razão mais freqüente para o alto índice de não presentes foi a distância geográfica. No entanto, analisando-se os resultados sobre “contatos novos” na Internet, parece que há uma necessidade de que o convívio social vivido na lista de discussão seja vivido também fisicamente. O motivo por trás disso – que estimula os contatos físicos – seria o interesse comum e a partilha de uma mesma informação que é aquela sobre samba e choro. Os indivíduos podem estar fisicamente localizados em diferentes partes do planeta “(...) isto pode significar a ocorrência de uma expansão das relações que ultrapassam a dimensão local, mas também pode proporcionar maior aproximação entre indivíduos do mesmo lugar”. (BRETAS, 2001).

Dos respondentes que admitiram não ter conhecido ninguém pessoalmente apesar de terem feito contatos novos na Internet, 71% responderam que os motivos foram por

falta de oportunidade ou pela distância geográfica, confirmando assim o que foi dito acima – que encontros físicos são importantes para os relacionamentos sociais – e não deixam de acontecer - e nem tão pouco que a Internet destrói a sociabilidade contemporânea como muitos autores insistem em afirmar. O resultado apresentado sugere que existe a partilha de um mesmo território seja ele real ou simbólico.

Conforme o resultado da questão 3.4 do questionário – São dispensáveis os encontros físicos para reforçar os laços sociais construídos na Internet – 72,8% dos respondentes que participam há mais de três anos da lista discordam que os encontros físicos são dispensáveis. A partir disso, pode-se perceber que os relacionamentos sociais virtuais não substituem o contato físico, uma vez que os assinantes da lista se envolvem em relações sociais – virtuais e/ou concretas - que dão a este ambiente um sentido social.

Os resultados apresentados acima sugerem que os deslocamentos passam a ocorrer na imaginação e o corpo não precisa apenas da mobilidade concreta. As análises indicam que o ciberespaço, em especial a lista de discussão da “Agenda do Samba e do Choro”, une, ocasionalmente, o mundo imaterial da Internet e o mundo concreto. A partir disso, cria-se novos espaços, novas formas de se “estar junto”. Logo, a dinâmica social se efetiva em relação a outros níveis espaciais, outros pontos de referência, alheios ao local ou aos contatos físicos. Mas isto não quer dizer que aconteça um esvaziamento das relações sociais no nosso mundo concreto. Tal fato pode ser apontado na questão 3.1 (Depois da minha participação na lista meus relacionamentos sociais, fora da lista, aumentaram) quando relacionada com o tempo de participação na Tribuna. Os resultados indicam que houve um aumento na concordância à medida que se elevou o número de anos de participação na lista. Neste caso, o tempo parece ser um elemento essencial na construção dos laços sociais dentro e fora do ciberespaço. De acordo com o

resultado sugerido por esta questão, pode-se discordar de Virilio quando este diz que a presença física perde progressivamente o seu valor analítico para a apreensão da realidade em benefício de outras fontes de avaliação eletrônica. Ao contrário da teoria deste autor, as análises do estudo de caso indicam que pessoas após o contato virtual pela rede se interessam em conhecer os “amigos” pessoalmente nas festas de aniversário da Agenda ou em encontros isolados. A troca de e-mails do período analisado - em agosto, outubro e novembro – revela mensagens com teor íntimo, algumas até mesmo descrevendo encontros presenciais com alguns membros. Além disso, as análises apontam que o intercâmbio de informações sobre samba e choro estimula os contatos sociais, transportando-os para o físico, muitas vezes, por meio de rodas de samba, de shows e, claro, das festas de aniversário da Agenda.

Nas entrevistas coletadas no dia da festa de aniversário no Rio de Janeiro, todas as pessoas entrevistadas admitiram que estavam presentes no local para reencontrar amigos que conheceram na lista de discussão, além de fazer novas amizades. Os entrevistados também reconheceram que a festa é uma forma de encontrar uma família constituída por interesses comuns, o que contribui para o fortalecimento dos laços sociais. Diante disso percebe-se que a questão 3.2 (Depois da minha participação na lista os meus relacionamentos aumentaram somente com os participantes da lista) aponta uma alta porcentagem de discordância. Este resultado parece sugerir que a Internet não é uma ferramenta virtualizante, “*que substitui a experiência do convívio cotidiano, mas sim como um meio que permite a concretização de um tipo de contato*”. (PEREIRA DE SÁ, 2000).

Nesse sentido, uma das entrevistadas na festa, deu uma simbologia muito forte ao lugar onde a festa da Agenda foi realizada, a quadra da Portela em Madureira. De acordo com seu depoimento pode-se supor que o território é ainda essencial mesmo que

o interesse seja despertado no ciberespaço e mesmo que as amizades tenham sido originadas em outro espaço que não seja o físico.

Com a presença do elemento rede na constituição de territórios, assim como na crescente fluidez dos espaços proporcionada pelo meio técnico-científico informacional contemporâneo, originou-se um mundo de múltiplas territorialidades que são ativadas de acordo com os interesses, com o momento e com o lugar onde as pessoas se encontram. A partir dos resultados apresentados pelos instrumentos aplicados no estudo de caso da “Agenda do Samba e do Choro” (aplicação de questionário, análise dos e-mails e entrevistas), surge uma tentativa de compreender e de interpretar com mais relativismo este novo espaço (ciberespaço) que se formou na contemporaneidade. O presente estudo sugere que se pode viver a sociabilidade sem a necessidade de um espaço concreto, mas como também se pode criar simbolicamente espaços de sociabilidade, não necessariamente físicos. Neste sentido, graças à facilitação dos contatos proporcionados pelas tecnologias de comunicação, em particular a Internet, pode-se considerar o território como um híbrido entre “*materialidade e imaterialidade*”, “*funcionalidade e expressividade*”. (COSTA, 2004: p. 240).

Por fim, vale ressaltar que os resultados e considerações obtidos neste trabalho não são conclusivos e, sim, exploratórios, como indicadores da hipótese testada. Para se chegar a uma inferência dos resultados, teria que ser elaborada uma pesquisa quantitativa fundamentada em uma amostra probabilística representativa da população de todos os internautas (e não apenas da população da Tribuna da “Agenda do Samba e do Choro”). Além disso, teria que se utilizar como suporte, a pesquisa qualitativa tais como entrevistas em profundidade ou grupo focal.

8- Referências bibliográficas

8.1- Livros:

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisas em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENKO, Georges. In: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRETAS, Beatriz Almeida. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. (Orgs.). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CANCLINI, Nestor. 1995 In: COSTA, Rogério H. da. *O Mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Rogério H. da. *O Mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DELEUZE e GUATARRI, 1997. In: COSTA, Rogério H. da. *O Mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DURKHEIM, Emile. 1995. In: COSTA, Rogério H. da. *O Mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DURKHEIM, Emile. In: RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades virtuais : uma abordagem teórica*. Texto apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>>. Acesso em: out. 2001.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Paulo César da Costa; COSTA, Rogério Haesbaert da. O espaço na modernidade. *Terra Livre*, São Paulo, n. 5, p. 47-67, 1988.

GONTIJO, Silvana. *O mundo em comunicação*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

GUIDON, Niéde. In: GONTIJO, Silvana. *O mundo em comunicação*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

HAVELOCK, Eric. *A preface to Plato*. Cambridge, Massachusetts; London: The Belknap Press, Harvard University, 1963.

KOCIATKIEWIEZ, Jerzy & KOSTERA, Monika. 1999. In: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEVINSON, Paul. *The Soft edge: a natural history and future of the information revolution*. New York: Routledge, 1997.

LOGAN, Robert K. *The sixth language: learning e living in the internet age*. Toronto: Stoddart Publ., 2000.

LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral, (Orgs.) *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MAIA, João. *Deslocamentos e circulações nas cidades modernas*. Rio de Janeiro: [S.n.], 2003. Mimeo.

MAIA, João. *Os destinos da cidade: deslocamentos e sociabilidades*. Rio de Janeiro: [S.n.], 2003. Mimeo.

MATTAR, Fauze N. *Pesquisa em Marketing*. São Paulo: Atlas, 1996.

MCLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Ed. Nacional; Editora da USP, 1972.

MCLUHAN, Marshall. In: PEREIRA, Vinícius Andrade. *Tendências das tecnologias da comunicação: da escrita às mídias digitais*. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM/UNEB, Salvador, 2002.

_____. *Understanding Media: the extensions of man*. New York: McGraw-Hill, 1964.

FAUSTO NETO, Antônio et al. *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

OLDENBURG, Ray. In: RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

PEREIRA, Vinícius Andrade. *A teia global: McLuhan e hipermídias*. Rio de Janeiro: [S.n.], 2003. Mimeo.

_____. *Comunicação, memória, linguagem e tecnologia: uma exploração neuro-cultural das extensões mutante humano*. Rio de Janeiro: 2002.

PEREIRA, Vinícius Andrade. *Mnemonise e criação: o papel da memória na ecologia cognitiva*. Texto apresentado no VII Compôs, no GT Comunicação e Sociedade Tecnológica. São Paulo: 1998.

PEREIRA, Vinícius Andrade. *Tendências das tecnologias da comunicação: da escrita às mídias digitais*. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM/UNEB, Salvador, 2002.

PESSIS, Anne Marie. In: GONTIJO, Silvana. *O mundo em comunicação*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

PIZZI, Fernanda; VAZ, Paulo Roberto Gibaldi. *A luta pela arquitetura do ciberespaço : uma cronologia da Internet*. Série Documenta, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 12-13, p.155-184, 2003.

PROSS, Harry. 1971 In: JUNIOR, Norval Boitello. *O tempo lento e o espaço nulo: Mídia Primária, secundária e terciária*. Coleção Comunicação 11, Compôs V. 2. Antônio Fausto Neto (et al.) organizadores. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2001.

QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

REDFIELD, Robert. In: BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual; tradução Plínio Dentzien*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

_____. *Smart Mobs: the next social revolution*. Cambridge: Perseus, 2002.

RODRIGUES, Guaraciaba Eugênia Silva. *Na batucada dos teclados: música brasileira e novas tecnologias no Sítio Agenda do Samba & Choro*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. 117f. Monografia de conclusão de curso de especialização em Jornalismo Cultural.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: UNESP, 2002.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2002.

SCHAMMANDT-BESSERAT, Denise. In: GONTIJO, Silvana. *O mundo em comunicação*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Ana Maria Alves Carneiro da. *Reconectando a sociabilidade on-line e off-line: trajetórias, poder e formação de grupos e canais geográficos na Internet*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2000.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

TÖNNIES, Ferdinand. *Community & society (Gemeinschaft und Gesellschaft)*. Michigan: Michigan State University, 1957.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002.

WEBER, Max. In: QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

WELLMAN, Barry. *Networks in the global village: life in contemporary communities*. Boulder, CO: Westview Press, 1999.

WILLIAMS, Raymond. "Television: Technology and cultural form". 1975 In: SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

8.2 – Documentos Eletrônicos

BAEHLER J. "Grupos e Sociabilidade" In: MARCELO, Ana Sofia. *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. <<http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>>. 2001.

ARANHA FILHO, Jayme. *Tribos eletrônicas: usos & costumes*. <<http://www.alternex.com.br/~esocius/t-jayme.html>>. 1998.

FLUSSER, V. “Agrupamento ou Interconexão?” In: MARCELO, Ana Sofia. *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. <<http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>>. 2001.

HAMMAN, Robin B. *Computer Networks Linking Network Communities: a study of the effects of computer network use upon pre-existing communities*. <<http://www.socio.demon.co.uk/mphil/short/html>>. 1999.

HOLTZMAN, J. “Digital mosaics: the aesthetics of cyberspace”. In: MARCELO, Ana Sofia. *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. <<http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>>. 2001.

MACHADO, Jorge A. S. *Cyberspaço e esfera tecno-social: uma reflexão sobre as relações humanas mediadas por computadores*. <<http://www.forum-global.de/articles/cyberpaper-vers1.doc>>. 2002.

MACHADO, Jorge Alberto S. *O ciberespaço como arquitetura da liberdade: tentativas de territorialização e controle da rede*. In: *Dialética do ciberespaço: trabalho, tecnologia e política no capitalismo global* ed. Londrina : Práxis, 2002. <http://www.forum-global.de/bm/articles/ciberespaco_territorializacao_jorgemachado.htm>

MARCELO, Ana Sofia. *Internet e Novas Formas de Sociabilidade*. <<http://bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>> . 2001.

NASCIMENTO, Susana. *Mediaticamente homem público: sobre a dimensão eletrônica dos espaços públicos*. <<http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/01/nascimento-susana-mediaticamente-homem-publico.pdf>>. 2002.

OLDENBURG, Ray. In: WELLMAN, Barry. *Physical place and cyberplace: the rise of personalized networking*. *International Journal of Urban and Regional*. Toronto. <<http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/publication/individualism/ijurr3a1.htm>>. 2001.

PALACIOS, Marcos. “Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamentos para discussão”. In: RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades virtuais: uma abordagem teórica*. Texto apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS. <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>>. Outubro/ 2001.

PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da pré-história*. <www.fumdham.org.br/imagensdaprehistoria/main/p01.htm>. 2004.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. *A emergência das comunidades virtuais*. Texto apresentado no GT Teoria da Comunicação no XX Congresso da Intercom. Santos, SP. <<http://www.usr.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/comuni.htm>>. 1997.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades virtuais: uma abordagem teórica*. Texto apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS.

<<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>>. Outubro/ 2001.

SÁ, Simone Pereira de. *Carnaval carioca em rede: observações sobre cultura popular e comunidades virtuais*. <<http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt12/gt12a2.pdf>>. 2000.

SILVA, Lúcia J. Oliveira Loureiro. *Comunicação: a Internet: a geração de um novo espaço antropológico*. <<http://bocc.ubi.pt/pag/silva-lidia-oliveira-Internet-espaco-antropologico.html>>. 2000.

STOCKINGER, Gottfried. *A interação entre cibernsistemas e sistemas sociais*. <<http://bocc.ubi.pt/pag/stockinger-gottfried-interacao-cibernsistemas.pdf>>. 2002.

TÖNNIES, Ferdinand. In: RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades virtuais: uma abordagem teórica*. Texto apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS.

<<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>>. Outubro/ 2001.

WEBER, Max. In: RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades virtuais: uma abordagem teórica*. Texto apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS.

<<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>>. Outubro/ 2001.

WELLMAN, Barry. *Physical place and cyberplace: the rise of personalized networking*. International Journal of Urban and Regional. Toronto.

<<http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/publication/individualism/ijurr3a1.htm>>. 2001.

9- Anexos

9.1- Entrevistas

Entrevistas realizadas no dia 07/11/2004 na Festa de Aniversário do sítio “Agenda do Samba e do Choro”. Local: Quadra da Portela, em Madureira.

1) Gustavo Dumas (“Zé”), 25 anos, escritor e compositor (Niterói – RJ)
Participou da lista, mas já não participa mais.

- Há quanto tempo você participa da lista?

Há aproximadamente uns dois anos.

- Qual o significado que a lista teve quando você participou?

A principal foi ter encontrado uma família. É uma comunidade praticamente. Nessa comunidade virtual, o samba não ficou limitado a ser apenas uma comunidade restrita à rede, até porque já tinha aqui fora, sempre houve, um movimento histórico, mas que às vezes não tem uma certa organização.

A lista servia muito para discutir samba, debater e ter acesso às pessoas que conhecem muito sobre aquilo, que entendem do riscado e, ao mesmo tempo, você se insere naquilo ali e tem contato com essas pessoas e dá sua contribuição também. E aí você começa a tecer muitos laços de amizade, com compositores, críticos... Isso é o principal, a troca de conhecimentos.

- É a primeira vez que você vem na Festa da Agenda?

Não, é a segunda vez. Eu vim no ano passado e agora nesta.

- Qual é a importância de participar da Festa?

É encontrar a família, a família está toda reunida aqui na Portela. O Moná tem até aquele samba do Candeia: “A Portela é uma família reunida”. É isso aqui. E a Agenda estar aqui é fantástico nesse sentido.

- Você acredita então que a internet pode reforçar laços sociais porque você encontra pessoas que têm os mesmos interesses que você, as mesmas aptidões e você pode encontrar essas pessoas aqui, na nossa “vida real”?

Sem dúvida, a gente tem a possibilidade de, nesse mundo caótico e fragmentado que a gente vive, encontrar pessoas que a gente não tenha que discutir interesses amplos. A gente tem um interesse comum e são desses interesses que se desenvolve a amizade.

2) Fernando Szegeri, 34 anos, funcionário público. (São Paulo – SP)
Já participou da lista, mas não participa mais.

- Há quanto tempo você participa da lista?

Participei uns três anos mais ou menos e já estou fora há uns cinco anos. Participei desde o começo em 97.

- Qual a importância de participar da lista na sua vida?

A lista no começo era um grande repositório de conhecimento coletivo, era uma coisa muito impressionante. Você tinha uma circulação de informação violenta porque realmente eram aficionados, era gente que sabia muito de samba e que encontrou um fórum para trocar esse conhecimento, então o salto na qualidade de informação foi grande.

Mas daquele tempo, as pessoas acabaram se encontrando nos botequins, nas rodas de samba, etc. E depois a lista foi mudando e foi deixando de ser exclusivamente esse lugar de conhecimento e foi se tornando essa coisa mais social e não necessariamente baseada na troca de informação só.

O site em geral já é outra coisa, tem uma importância absurda na minha vida, mais do que a lista propriamente.

- Você sempre vem às festas da Agenda?

Sim, vim em todas.

- Qual a importância de estar nas festas da Agenda e por que você continua retornando já que você não faz mais parte da lista?

Eu acho que esse evento extrapola muito a questão da lista de discussão. Eu acho - e tenho liberdade para isso porque fui editor por cinco anos da Agenda - que a parte menos importante do site é a lista de discussão porque o informativo e as outras seções do site é que tiveram importância muito grande na questão do renascimento do samba no Rio e em São Paulo também. E a festa é uma celebração do processo de saída do anonimato, do underground do samba e choro nesses últimos oito anos. E o site teve um papel muito importante nesse processo. Eu acho que nesse sentido a festa é uma celebração disso.

Você fazer uma lista reunindo todas as pessoas que mal ou bem compartilharam dessa importância e dessa história e juntar com os “bambas” todos, o pessoal do mundo samba é um negócio muito importante. Eu acho que é a celebração disso, bem mais importante que a lista.

- Nas festas da Agenda você faz muitas amizades?

Sim, sem dúvida. A comunidade ligada ao samba e ao choro cresceu muito. Em São Paulo era um gueto de 200 pessoas e no Rio era um gueto de mil pessoas. Hoje não é mais assim. Hoje é gueto de cinco mil pessoas talvez. Mas os aficionados se conhecem muito, freqüentam os mesmos espaços. Hoje de 2 mil pessoas que estiverem aqui, eu vou conhecer, sei lá, 600 ou 700. Isso é maravilhoso.

3) Rui Kleiner, 25 anos, músico. (Piracicaba – SP)

- Há quanto tempo você participa da lista?

Desde o começo, há oito anos.

- Qual o significado da lista em sua vida?

Como músico, é uma das minhas maiores fontes de informação. O relacionamento com as pessoas dá uma vivência musical. Algumas que estão isoladas acabam tendo essa vivência através da lista.

- Você conheceu muitas pessoas da lista?

Eu não conheci muitas pessoas pessoalmente não. Virtualmente eu conheci mais. Mas no meu caso, eu entrei na lista mais em função da informação sobre música. Para mim, o virtual nunca irá substituir o encontro real.

- Você sempre vem às festas da Agenda?

Apesar de ser assinante há tanto tempo, esta é a primeira vez que eu venho.

- Qual é a importância de participar da Festa?

A importância é principalmente estar entretido nesse meio musical, porque quando a gente chega num lugar desses a gente vê que nós estamos difundindo a nossa cultura.

4) Lúcia Helena Maria de Almeida, 37 anos, engenheira agrônoma. (Rio de Janeiro, RJ)

- Há quanto tempo você participa da lista?

Há um ano.

- Qual a importância de você participar dessa lista?

Eu aprendo muito sobre samba e choro, me divirto, conheço muitas pessoas interessantes, tenho um novo círculo de amizade criado a partir da lista. E para mim também foi bom porque eu desfoquei um pouco o meu ambiente. O meu ambiente de amizade é muito dos meus amigos de faculdade, do bairro. Agora eu posso dizer que eu tenho um outro círculo de amizade.

- É a primeira festa que você participa?

Não, é a terceira. Eu não participei das outras porque eu morava fora. Eu já morei em Brasília, em Goiânia. Como eu não morava aqui, vir só para a festa era complicado. Nessa época eu não participava da Tribuna (lista), mas sabia da Agenda.

Qual a importância de você estar aqui hoje participando da Festa?

Gosto muito da festa, acho interessante o fato de se homenagear um compositor e mais ainda, porque eu sou portelense. Para mim esse lugar é sagrado, eu não venho a esse lugar sem estar vestida de azul. Eu acho muito bonito fazer essa festa aqui porque Madureira é o berço do samba.

5) Karla Santos Rodrigues, 27 anos, tecnóloga em marketing. (Rio de Janeiro, RJ)

- Há quanto tempo você participa da lista?

Há dois anos.

- Qual o significado da lista de discussão na sua vida?

A Agenda do Samba e do Choro é muito interessante porque você fica sabendo de tudo que vai acontecer, posso estar sempre atualizada e faço parte porque eu gosto e faz parte da minha vida.

- Você conheceu muitas pessoas na lista?

Sim. Fazemos muitos contatos e que só acrescenta mais meu círculo de amizade.

Você sempre vem às festas da Agenda?

É a primeira vez que estou participando.

Qual a importância em participar da festa?

Eu vim porque tive muita curiosidade e porque eu gosto, é muito importante estar aqui hoje.

6) Jorge Frederico, 41 anos, funcionário público (Rio de Janeiro- RJ)

- Há quanto tempo você participa da lista?

Há uns quatro anos.

- Qual o significado da lista no seu cotidiano?

Eu acho que aqui é uma grande família do Samba e Choro e a cada dia e a cada ano que se passa você vai conhecendo diversas pessoas, além disso, a divulgação do samba de raiz em todo país, que é conhecido não só no Rio de Janeiro como em todo estado do Brasil.

- Você sempre vem às festas da Agenda?

Já participei três vezes da festa.

- Qual é a importância de participar da festa?

É só alegria e samba, essa festa bonita como você está vendo aqui hoje.

- Você encontra muitas pessoas quando vem às festas?

Sim. A cada dia você vai ampliando seu círculo de amizade, a cada dia você vai conhecendo pessoas diferentes e convivendo com elas.

9.2- Questionário

Questionário

1 – IDENTIFICAÇÃO

1.1 - Profissão:

1.2- Sexo:

Masculino Feminino

1.3 - Estado civil:

Casado (a) Divorciado(a) Viúvo(a) Solteiro(a) outros

1.4 - Qual é o seu grau de escolaridade?

01. Nenhum. 02. Ensino fundamental incompleto. 03. Ensino fundamental completo. 04. Ensino médio incompleto. 05. Ensino médio completo. 06. Superior incompleto. 07. Superior completo. 08. Especialista 09. Mestrado. 10. Doutorado.

1.5 - A sua cor ou raça é:

Branca Preta Parda Amarela Indígena

1.6 - Idade:

Menor de 15 anos; 15 a 24; 25 a 34; 35 a 44; 45 a 54; 55 a 64; 65 ou mais

1.7 – Cidade e estado onde mora:

Cidade _____ Estado _____.

2 - PERFIL

2.1 - Há quanto tempo você utiliza a Internet?

2.2 - Qual o tipo de acesso que você utiliza para se conectar à Internet?

acesso discado acesso banda larga (via rádio, cabo, ISDN ou ADSL (Velox))

2.3 - Você acessa à Internet:

de casa do trabalho outro local

2.4 - Quantas horas, em média, você fica conectado à Internet:

2.4.1- Navegando: _____ horas

2.4.2- Lendo e respondendo e-mails: _____ horas

2.5 - Há quanto tempo você participa da lista “Agenda do Samba e do Choro”?

2.6 - Por que você decidiu participar desta lista de discussão?

2.7 - Com que frequência você se conecta para conferir os e-mail dos participantes da lista?

2.8 - Você participa de outras comunidades (listas de discussão, chats, etc). Qual (is)?

Contatos novos: “Contatos que venham a ser incorporados em algum tipo de relacionamento social, tais como: troca de informações, correspondências, etc. com alguma frequência, de modo virtual e/ou presencial”.

2.9 - Você fez contatos novos na internet? Sim Não

Se respondeu **Não** saltar para questão 2.13.

2.10 - Quantos contatos novos você fez:

2.10.1- Na Internet: _____

2.10.2- Na lista de discussão da “Agenda do Samba e do Choro” : _____

2.11 – Dos contatos novos da lista “Agenda do Samba e do Choro”, quantos você conhece pessoalmente? _____

2.12- Se desses contatos novos, você não conheceu NINGUÉM pessoalmente. Por que?

Falta de interesse; Falta de oportunidade; Falta de recursos financeiros;

Falta de tempo; Por causa da distância geográfica

Outros. Especificar: _____

2.13 - Você participou da Festa de aniversário da lista “Agenda do Samba e do Choro”?

Dia 07/11/2004 no Rio de Janeiro – RJ

Sim Não Não sabia

Se respondeu NÃO, por que? Especificar o motivo: _____

Dia 14/11/2004 em São Paulo – SP

Sim Não Não sabia

Se respondeu NÃO, por que? Especificar o motivo: _____

3 - Responda às perguntas de acordo com a legenda abaixo:

5 – Concordo totalmente; 4 – Concordo parcialmente; 3 – Não concordo nem discordo

2 – Discordo parcialmente; 1 – Discordo totalmente

Perguntas	Respostas				
	5	4	3	2	1
3.1- Depois da minha participação na lista “Agenda do Samba e do Choro” os meus relacionamentos sociais, fora da lista, aumentaram.					
3.2- Depois da minha participação na lista “Agenda do Samba e do Choro” os meus relacionamentos sociais aumentaram somente com participantes da lista					
3.3- A participação na lista em nada alterou os meus relacionamentos sociais					
3.4- É dispensável os encontros físicos para reforçar os laços sociais construídos na internet					
3.5- A Internet é um espaço para a manutenção das relações sociais					
3.6- Existe necessidade de encontros físicos para reforçar os laços sociais					

Obrigada por sua participação!

9.3 – Fotos



Vista externa da quadra da Portela, em Madureira, Rio de Janeiro -RJ



Roda de samba e choro na quadra da Portela



Quadra da Portela completamente lotada na Festa de aniversário da Agenda do Samba e do Choro, no Rio de Janeiro-RJ.